

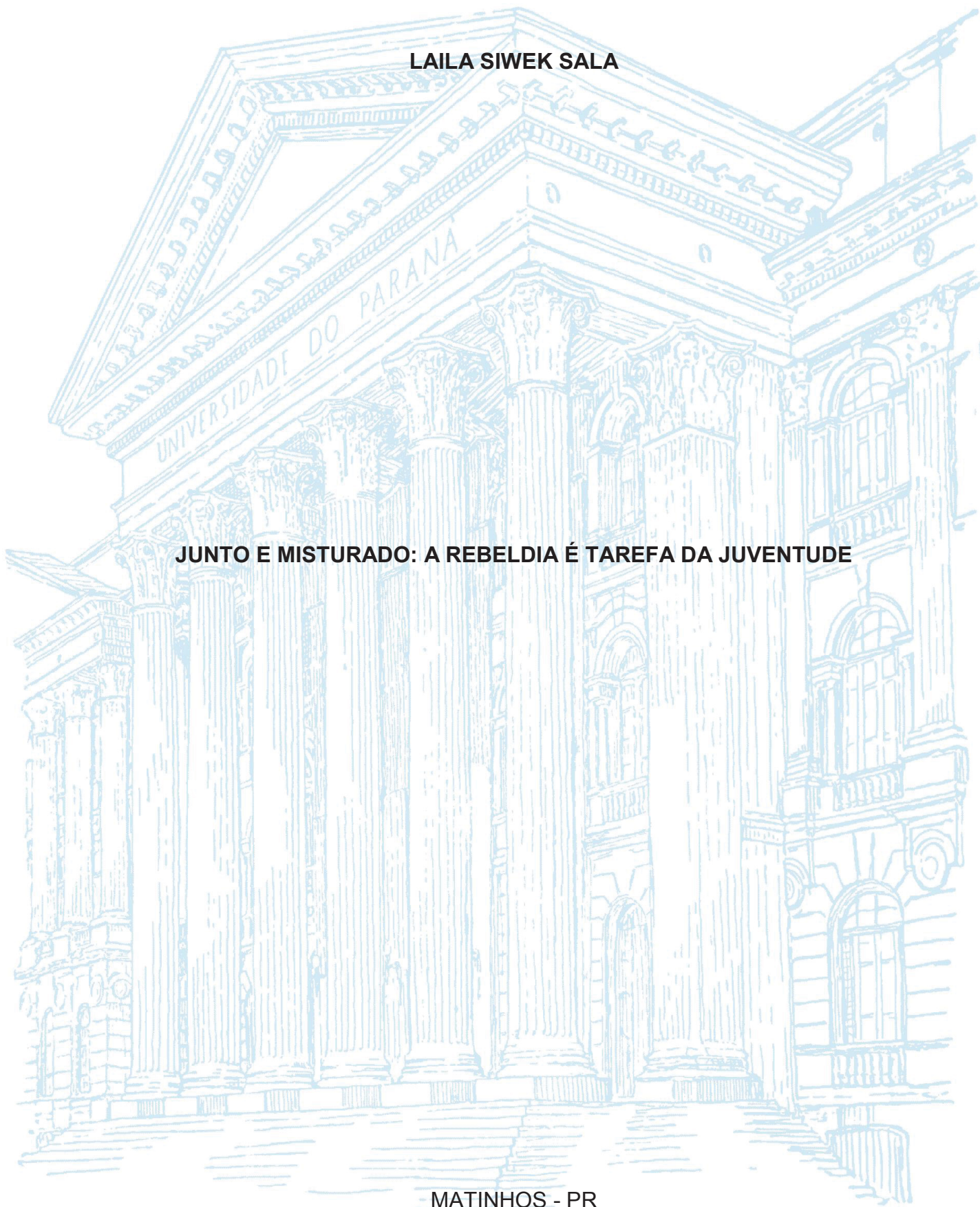
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LAILA SIWEK SALA

JUNTO E MISTURADO: A REBELDIA É TAREFA DA JUVENTUDE

MATINHOS - PR

2020



LAILA SIWEK SALA

JUNTO E MISTURADO: A REBELDIA É TAREFA DA JUVENTUDE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Valentim da Silva
Coorientadora: Prof^a. Marília De Santis
Coorientador: Prof. Celso Vasconcellos

MATINHOS


2020

TERMO DE APROVAÇÃO

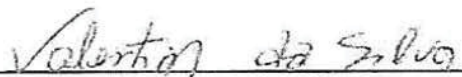
LAILA SIWEK SALA

JUNTO E MISTURADO: A REBELDIA É TAREFA DA JUVENTUDE

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.




Laila Siwek Sala
Estudante da Especialização ANE – UFPR



Prof. Dr. Valentim da Silva
Orientador – UFPR



Prof. Dr. Celso dos Santos Vasconcellos
Membro da Banca - UFPR



Prof.ª Esp. Marília de Santis
Membro da Banca - UFPR

Matinhos, 05 de dezembro de 2019.

Dedico este texto a todos os jovens rebeldes, inclusive àqueles que já não mais o são.

AGRADECIMENTOS

Fazer este trabalho não tem sido um processo fácil, na verdade ele contém um tantinho de despedida. Por essa dificuldade devo agradecimentos a um monte de gente linda que está na minha vida. Então aí vai:

Obrigada família Sala: Suzana, Fernando, Fabio, Álvaro... Vocês me ensinaram a ser uma pessoa boa, com toda a beleza e simplicidade que isso contém. Falando em família, muito obrigada também à minha querida prima caçula Marina Sala Leite que transcreveu as entrevistas, seus olhos de espelho me inspiram a ser mulher e melhor.

Agradeço imensamente à gestão do CEU Heliópolis: Fernanda, Genário, Gilberto, Gustavo, Margarete, Meire, Tathiana, especialmente para a Débora Orellana, que deu o título desse trabalho. Vocês me ensinaram o verdadeiro significado da palavra companheirismo. Um obrigada especial vai para Marília De Santis (gestora do CEU e minha eterna mediadora), não tenho nem palavras... Te amo!

Na figura da grande liderança das juventudes de Heliópolis, Reginaldo José, agradeço a todos os companheiros e companheiras da UNAS que me ensinam a não fraquejar diante das injustiças da vida e a levá-la de peito aberto e bom humor, o mundo é melhor por causa de vocês.

Um obrigada especial também vai para o Luan Gonçalves e para a Gabriele Caroline Souza que me cederam duas entrevistas belíssimas e me ajudam a ter esperança no mundo. Vocês são pessoas lindas!

Ao Douglas Cavalcante e à Mariana Silva, companheiros de ANE, ofereço minha admiração e meu agradecimento por vocês existirem na minha vida. Morro de orgulho de ser colega e amiga de vocês!

Obrigada ao Valentim da Silva (mediador desse trabalho) por ter segurado na minha mão, pelos – belos – caminhos apontados e por me lembrar que “só a arte salva!”

Realmente, a vida só vale a pena se for para ser vivida junto.

*“Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Índios e padres e bichas, negros e mulheres
E adolescentes fazem o carnaval
Queria querer cantar afinado com eles
Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase
Ser indecente
Mas tudo é muito mau”*

Caetano Veloso. Podres Poderes, 1984.

RESUMO

Este trabalho apresenta algumas reflexões acerca dos conceitos de Juventudes, a partir de análise das práticas realizadas no CEU Heliópolis Profª Arlete Persoli voltadas para o público jovem. Partindo de uma questão inicial: quais as formas possíveis de mediação com as juventudes, considerando as tensões da relação entre um espaço público e as culturas juvenis das quais a gestão não faz parte, mas com as quais quer – e precisa – dialogar? o trabalho busca traçar alguns desafios levantados por essa pergunta e através de entrevistas e reflexões realizadas em conjunto com alguns jovens e lideranças comunitárias sobre a práxis local elabora algumas pistas que nos aproximam de uma “solução” para esses desafios. Procuramos, então, mostrar que a mediação realizada pela gestão do CEU, balizada pelos 5 princípios do Bairro Educador de Heliópolis, vem mudando a relação do público jovem com os espaços do CEU, ao mesmo tempo em que vem contribuindo para ampliar as concepções dos trabalhadores e trabalhadoras em relação às culturas juvenis.

Palavras-chave: 1. Juventudes 2. Heliópolis 3. CEU Heliópolis Profª Arlete Persoli 4. Bairro Educador

ABSTRACT

This work presents some reflections about the concepts of Youths, from the analysis of the practices carried out at CEU Heliópolis Prof^a Arlete Persoli aimed at young people. Starting from an initial question: what are the possible forms of mediation with youth, considering the tensions in the relationship between a public space and youth cultures of which management is not part, but with which they want - and need - to dialogue? The work seeks to outline some challenges raised by this question and through interviews and reflections carried out together with some young people and community leaders on local praxis, it elaborates some clues that bring us to a “solution” to these challenges. We tried, then, to show that the mediation carried out by CEU management, guided by the 5 principles of “Bairro Educador” de Heliópolis, has been changing the relationship between young people and CEU spaces, while contributing to broaden workers' conceptions and workers in relation to youth cultures.

Keywords: 1. Youth 2. Heliópolis 3. CEU Heliópolis Prof^a Arlete Persoli 4. Bairro Educador

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - "Os dados oficiais dizem coisas diferentes" . Erro! Indicador não definido.	
Figura 2 - Mapa Oficial	14
Figura 3 - Mapa do Movimento Social	14
Figura 4 - Mapa elaborado pelos jovens	14

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	1
2 - HELIÓPOLIS, BAIRRO EDUCADOR.....	4
2.1 - O CEU HELIÓPOLIS PROF ^a ARLETE PERSOLI	6
3 – JUVENTUDES: UMA TENTATIVA DE DEFINIÇÃO	8
4 - JUVENTUDES DE HELIÓPOLIS	12
4.1 - DE OLHO NA QUEBRADA	12
5 - O JUNTO E MISTURADO.....	55
5.1 AS AÇÕES	56
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	66

1 - INTRODUÇÃO

Meditei muito sobre o que poderia propor aqui, já que meu cotidiano de trabalho - como uma das educadoras que atua na coordenação pedagógica de um centro educacional e cultural chamado CEU Heliópolis Prof^a Arlete Persoli - envolve uma enorme diversidade de tarefas. Atividades essas que envolvem, desde a elaboração e escrita de projetos diversos, até a execução de eventos mais pontuais, passando pela coordenação e articulação de diversas pessoas, instituições, saberes etc. sempre em torno de projetos que comungam com o coletivo do CEU Heliópolis.

Pensei também sobre as maiores dificuldades do meu cotidiano de trabalho e uma delas sem dúvida é o registro, a sistematização, o estudo e a reflexão aprofundados, a partir das práticas que realizamos no âmbito da gestão do CEU Heliópolis. E, ainda que o próprio sistema educacional esteja construído para isso, acredito que não exista contradição maior que uma educadora que não encontra tempo para estudar. Além disso, por vezes, a falta de memória em relação a uma trajetória traz uma sensação de que todo problema é um problema novo e que todo começo, começa na estaca zero, o que, no nosso caso aqui em Heliópolis não é verdade.

Por tudo isso, ao longo da minha trajetória no Curso de Especialização em “Alternativas para a Nova Educação”, propus forjar este tempo de registro. A ideia era, de forma acadêmica, ou não, produzir escritos que pudessem colaborar para o aprimoramento das práticas que são realizadas em relação aos projetos voltados para o público jovem do CEU Heliópolis Prof^a Arlete Persoli, uma vez que esses projetos vinham descortinando em mim uma demanda por saber mais sobre as juventudes.

Havia (ainda há!) muitos desafios e perguntas, e minha hipótese inicial era de que eles necessitavam maior compreensão e aprofundamento, para que pudessem ser “respondidos” através das ações elaboradas e executadas no CEU.

Por isso, no projeto desenvolvido no âmbito da ANE que ora é apresentado aqui, elaboramos algumas questões iniciais que buscavam, de certa forma, sistematizar nossos interesses em relação ao tema. Em um primeiro levantamento chegamos à seguinte lista de desafios:

- A qualificação do diálogo entre gerações, especialmente entre as lideranças comunitárias já constituídas e os novos líderes, normalmente jovens, que vêm surgindo entre os diferentes coletivos;
- O estabelecimento de parcerias com as escolas de ensino médio do entorno;
- A continuidade e sustentabilidade dos projetos, em relação à questão financeira e à evasão dos participantes;
- A articulação de diferentes ações e coletivos de modo a formar uma rede de proteção social mais efetiva para os jovens e adolescentes;
- A articulação de diferentes ações, coletivos, políticas públicas, projetos da e para as juventudes que possam formar uma rede mais significativa para as ações que buscam transformar Heliópolis em um Bairro Educador;
- A organização de canais de diálogo mais institucionalizados, como grêmios e comissões, entre as juventudes, seus coletivos, e as gestões do CEU e das escolas e projetos sociais;
- A organização mais efetiva dos adolescentes e jovens de Heliópolis de modo a incidir nas políticas públicas da cidade de São Paulo.

Dado o tamanho da lista e a complexidade dos desafios é evidente que o projeto desenvolvido na ANE não deu conta de todas essas questões, de algumas delas não foi possível sequer uma aproximação. No entanto, ao longo da minha trajetória na ANE, consegui elaborar uma questão de investigação que sintetiza, a meu ver, o “problema” que deu impulso a este trabalho, mas que obviamente não se esgota nele. Esta questão foi elaborada posteriormente: “Quais as formas possíveis de mediação com as juventudes, considerando as tensões da relação entre a gestão de um espaço público e as culturas juvenis, das quais a gestão não faz parte, mas com as quais quer - e precisa - dialogar?”

Nesse sentido, de alguma maneira, as expressões “culturas juvenis” e “mediação” ganharam novos contornos no que se refere às concepções que balizam a gestão de um espaço público da maneira como entendemos que ele deve ser no CEU Heliópolis, isto é: inclusivo, democrático, que possibilita o desenvolvimento integral de todos e todas etc.

No tempo em que fui estudante da ANE produzi, então, muitos escritos que têm diversas formas. E escrever se tornou, para mim, uma forma de refletir sobre o mundo que, possivelmente, nunca mais vai me abandonar. Para o presente trabalho,

no entanto, foi necessário realizar uma seleção, de modo que ficasse claro, para o leitor pelo menos, o essencial dessa trajetória.

Nesse sentido, a título de contextualização, no primeiro capítulo você encontrará um breve histórico sobre Heliópolis e sobre o CEU Prof^a Arlete Persoli, que buscam contar como que uma das maiores favelas de São Paulo vem buscando se transformar em um Bairro Educador.

Após esse capítulo buscamos fazer uma breve introdução sobre o conceito de juventudes. E no capítulo intitulado “Juventudes de Heliópolis” em uma tentativa de mostrar algo sobre a juventude local, buscamos articular alguns relatos de experiências de lideranças entre os jovens da comunidade.

Em seguida, partimos para uma descrição das ações desenvolvidas no âmbito do Projeto Político Pedagógico do CEU Heliópolis Prof^a Arlete Persoli voltadas para os jovens que frequentam o local.

Para mim, o trabalho aqui apresentado, auxiliou no aprofundamento daquilo que me interessava em relação às juventudes, mas também abriu muitas outras janelas – algumas delas eu nem sabia que ia abrir. Espero que para você, leitor, essas palavras aqui escritas também auxiliem em alguma reflexão.

2 - HELIÓPOLIS, BAIRRO EDUCADOR¹

*Na cidade do sol, nosso bairro Heliópolis
Vamos juntos com alegria a colorir nossa metrópole
Com homens, mulheres, crianças, todos fortes cidadãos
Ocupando espaços públicos com poder de decisão*

*Nossos jovens estão nas ruas
Pedindo por justiça e chamando atenção
Para que lhes seja garantido o direito à educação
E que a juventude negra tenha espaço de expressão*

*Com garra e com fé nós mantemos a conduta
Mostrando que um filho teu não foge à luta
Pátria amada, Heliópolis, ó mãe gentil
Quem foi que disse que não temos nosso lugar no Brasil*

*Nosso território é pobre, mas nosso argumento é nobre
É pela paz que lutamos e ela é sua também
Pois a paz é de todos ou não é de ninguém*

*Para as crianças escola, para as famílias um lar
Heliópolis na luta, direitos por conquistar
Ampliando horizontes nosso bairro avança mais
Enfrentando a violência com a cultura da paz
Organizados na luta por políticas de garantia
Para que no Bairro Educador a paz reine todo dia*

*Comunidade educadora nos ensina a consciência
De uma gente muito unida, cheia de experiência
Que transforma a realidade com trabalho e com amor
E leva essa verdade para qualquer lugar onde for*

*É pela paz que lutamos e todos sabem muito bem
Que a paz é de todos ou não é de ninguém²*

Heliópolis é um território marcado por uma história na qual as vulnerabilidades sociais, resultantes de violação de direitos, vêm sendo superadas pelas diversas conquistas da sociedade civil organizada. Essas conquistas não seriam possíveis não fosse a parceria estreita entre muitas pessoas que dedicaram suas vidas à transformação do bairro.

¹ Os textos deste capítulo foram adaptados do Projeto Político Pedagógico do CEU Heliópolis Prof^a Arlete Persoli, escrito por todos os trabalhadores e trabalhadoras do CEU e editado por mim e pela coordenadora Meire Lima.

² O texto acima se originou a partir de uma colagem de trechos dos Manifestos da 16^a, 17^a e 18^a Caminhada pela Paz, escritos pelos estudantes da EMEF Pres. Campos Salles: Ana Suellen, Andressa de Jesus França, Andressa Sapucaia, Ângela Kelianny, Brenda Rodrigues Felix, Carolina Silva Rodrigues de Sousa, Gabrielly Machado, Giovanna Benício Grisólia, Juliana Maria, Keila Verdeiro, Lucas M., Marcio Ribeiro, Maria Isabel P. da Silva, Nicolay dos Santos, Talia Ap., Valéria Lima, Verônica Leme, Vitória Leme, Yasmin Nayara; o Prof. Orlando Jeronymo e o membro do projeto Jovens Alconscientes da UNAS, Victor Guilherme. A edição do texto foi realizada por Meire Lima, Coordenadora de Projetos Educacionais do CEU Heliópolis Prof^a Arlete Persoli.

A população local vivenciou um processo intenso de urbanização e participou do desenvolvimento de uma trajetória exemplar de organização social, na qual a mobilização promovida pelas organizações comunitárias rendeu frutos e as reivindicações por projetos de intervenção urbana, cultural e educacional foram atendidas pelo poder público. Dessa forma, Heliópolis transitou de uma estrutura urbanística que a caracterizava como favela, e cujos esforços principais se dirigiam às demandas por habitação, regularização de terras e serviços sociais básicos, a uma articulação comunitária que busca a construção e consolidação de um Bairro Educador.

A comunidade possui aproximadamente 1 milhão de metros quadrados e localiza-se na região sudeste da cidade de São Paulo, a 8 km do centro. Em sua área vivem cerca de 200 mil habitantes. Desde os anos 2000, a maior parte dos barracos se transformou em construção de alvenaria. Hoje 90% do bairro conta com infraestrutura urbana, como serviços de água, esgoto, energia elétrica e coleta de lixo.

A ocupação dos espaços de Heliópolis pela população de baixa renda da cidade começou em meados dos anos 1960, tendo sido desencadeada por diversos motivos: construção do Hospital Heliópolis, alta dos aluguéis, remoção por parte da prefeitura de pessoas vindas de outras favelas de São Paulo etc.

A partir daí a história é marcada por diversas ocorrências: a disputa com os grileiros (que pretendiam impedir as ocupações e assim comercializar uma terra que não lhes pertencia), as lutas contra as ações opressoras da polícia e contra a ditadura militar.

Foi nesse período que surgiram as associações e lideranças comunitárias locais, tornando a mobilização da população em torno da defesa do direito à moradia e de condições mais dignas de vida, exemplares em Heliópolis. No final dos anos 1980, os Núcleos sentiram a necessidade de se unir em uma só organização para melhor dialogar com o poder público, dando origem à União de Núcleos e Associações de Moradores de Heliópolis e região (UNAS), até hoje a maior e mais representativa organização civil local.

Em meados dos anos 1990 a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Presidente Campos Salles, escola da região que atende às crianças e adolescentes moradores de Heliópolis, adotou dois princípios, que se tornaram parte de seu Projeto Político Pedagógico (PPP) e passaram a balizar as ações da escola:

Tudo passa pela educação; e, A escola como um centro de liderança. A adoção desses princípios fez com que escola e a comunidade organizada, na figura da UNAS, passassem a articular uma intensa relação que culminou em várias conquistas para a comunidade.

Em 2007, a EMEF Presidente Campos Salles fez mais uma transformação em seu PPP: inspirada pela Escola da Ponte, a comunidade escolar decidiu derrubar as paredes das salas de aula, transformando-as em grandes salões de estudo. Derrubaram, também, as “paredes simbólicas” que separavam os professores e professoras entre si e esses dos estudantes. Nesse momento, àqueles dois princípios juntaram-se mais três: **Autonomia, Responsabilidade e Solidariedade.**

Concomitantemente, a UNAS também passou por uma transformação, influenciada pela profunda articulação com a escola. Sua principal bandeira, o acesso à moradia digna, se transformou em uma luta pela educação. Esse movimento, no entanto, não se deu ao acaso, foi construído a partir de um processo que intensificou o entendimento de que a educação deve ser prioritária, uma vez que ela é o eixo condutor e organizador da comunidade para o enfrentamento e luta pela efetivação dos direitos ao trabalho, à saúde, à moradia, ao transporte, à cultura, ao lazer.

Desse encontro entre escola e comunidade organizada nasce, então, o sonho de transformar Heliópolis em um Bairro Educador. Esse sonho é incorporado à missão da UNAS e ao PPP da EMEF Presidente Campos Salles. Os cinco princípios da escola passam a ser, então, os cinco princípios do Bairro Educador.

O CEU Heliópolis Prof^a Arlete Persoli nasce da parceria entre a comunidade organizada, a escola e o poder público (que viabilizou o projeto e a sua construção), em meio a esse movimento que vem ganhando força e contagiando outros equipamentos educacionais e socioculturais da comunidade, bem como os moradores, as famílias e, principalmente, as crianças e jovens.

2.1 - O CEU HELIÓPOLIS Prof.^a ARLETE PERSOLI

O CEU Heliópolis Prof^a Arlete Persoli surgiu depois de anos de negociação entre a comunidade organizada e o poder público. Em 2009, a Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP) criou o Centro de Convivência Educativa e Cultural de Heliópolis, CCECH (Decreto nº 50.740, de 16 de julho de 2009), em que considera *“por fim, que o protagonismo individual e coletivo dos moradores de Heliópolis é*

fundamental para a constituição dessa comunidade como bairro educador” (SÃO PAULO, 2009, DEC. Nº 50.740). Desde então, várias atividades e projetos foram desenvolvidos por esse grupo gestor, com a colaboração de voluntários e com intensa participação da comunidade organizada, além de outras atividades articuladas pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME).

Em 2012, dada a relevância da história de Heliópolis e de seus moradores, foi desenvolvido o projeto **Memórias de Heliópolis – Raízes e Contemporaneidades**, viabilizado por uma emenda parlamentar e desenvolvido pela UNAS, com assessoria da gestão do CCECH. Esse projeto tinha o intuito de sistematizar a história do bairro a partir do ponto de vista dos próprios moradores que a viveram. Em 2013, mediante outra emenda parlamentar, foi desenvolvido o projeto **Kombi da Memória** que, com o mesmo intuito de sistematizar e difundir a memória dos moradores de Heliópolis, realizou durante o mês de dezembro intervenções em diferentes pontos da comunidade.

Em 2015, o CCECH foi transformado em Centro Educacional Unificado (CEU) pela PMS (Decreto nº 56.079, de 29 de abril de 2015), considerando que ambos programas estão relacionados enquanto concepção de espaço público: construídos para e com a comunidade. As histórias dos CEUs e do então CCECH se encontraram, com a diferença de que, em Heliópolis, essa proposta partiu dos próprios moradores organizados.

Então, em 29 de abril de 2015 o CEU Heliópolis Prof^a Arlete Persoli foi inaugurado. Um equipamento que surgiu da luta da comunidade organizada e que existe para fortalecê-la tem como missão contribuir para a transformação de Heliópolis em um Bairro Educador a partir de seus cinco princípios norteadores.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) do CEU Heliópolis pauta suas práticas a partir dos seguintes concepções e fundamentos: os cinco princípios do Bairro Educador, Memória e Identidade, Democracia e Cidadania, Ocupação dos Espaços Públicos e Desenvolvimento e Currículo integrais, na defesa da garantia e ampliação dos direitos humanos para todos e todas.

3 – JUVENTUDES: UMA TENTATIVA DE DEFINIÇÃO³

O termo “juventude” faz parte do cotidiano, não só porque todos são ou foram jovens, mas também porque a maioria das pessoas parece ter algo a dizer sobre eles – separando-se por vezes deste grupo e, por outras, tentando fazer parte dele. Por isso, talvez o termo careça de definição, para que fique claro, do que, ou melhor, de quem se fala, ao usar o termo “juventude”. Parece haver uma disputa sobre qual o papel desta categoria na conjuntura histórica e, quando se busca precisar mais esta concepção, do ponto de vista acadêmico, uma série de obstáculos aparecem.

Há muitos ângulos pelos quais se pode abordar o tema (diferentes referentes designados pelo mesmo termo); cada disciplina das ciências humanas faz um tipo de recorte e, dentro delas, diferentes correntes teóricas ressaltam dimensões distintas desse complexo ao qual o termo pode se referir. (ABRAMO: 37, 2005).

O que, então, determina quem são as juventudes frente a outros grupos da população?

Do ponto de vista estatístico, a juventude é uma *coorte*, isto é, designa um grupo que tem em comum algum evento que se deu no passado⁴. Assim, “juventude” é um conjunto de pessoas que têm de 15 a 29 anos e, portanto, em 2019, são aqueles que nasceram entre 2004 e 1990. Além disso, se fazem parte de uma mesma *coorte*, provavelmente passarão juntos por experiências históricas, culturais e conjunturais, além de outras mais pessoais como casamentos, estudos, filhos etc. Mas, para além das condições materiais e sociais que constituem as juventudes, há também dimensões simbólicas.

No texto “Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil” Helena Wendel Abramo faz um breve panorama histórico de algumas dessas dimensões simbólicas através das quais as juventudes são vistas, tanto pelo senso comum, quanto em parte da produção acadêmica.

É essa a questão que me interessa desenvolver neste artigo, de um modo ainda apenas sugestivo e sob a forma de anotação de ideias: a tematização da juventude pelo “senso comum”, apoiada em representações construídas pelo pensamento acadêmico, retrabalhadas e difundidas pelos meios de comunicação, por atores políticos, agentes culturais e trabalhadores sociais.” (ABRAMO: 29, 1997).

³ Texto adaptado de trecho do e-book “Vozes de Reexistência Juvenis: Presente!”

⁴ [https://pt.wikipedia.org/wiki/Coorte_\(estat%C3%ADstica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Coorte_(estat%C3%ADstica)), acessada em 18/07/2019.

Para a autora, a juventude tem sido simbolizada como uma fase da vida que, via de regra, representa uma ameaça à ordem social estabelecida. É, assim, frequentemente, tematizada como “problema”

A tematização da juventude pela ótica do “problema social” é histórica e já foi assinalada por muitos autores: a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade. Seja porque o indivíduo jovem se desvia do seu caminho em direção à integração social — por problemas localizados no próprio indivíduo ou nas instituições encarregadas de sua socialização ou ainda por anomalia do próprio sistema social —, seja porque um grupo ou movimento juvenil propõem ou produz transformações na ordem social ou ainda porque uma geração ameace romper com a transmissão da herança cultural.” (ABRAMO: 29, 1997)

Assim, Abramo identifica que o conceito de “juventude” vem sendo elaborado, de modo implícito, como uma categoria propícia para se pensar os dilemas contemporâneos, aparecendo como uma espécie de retrato projetivo da sociedade.

De todo modo, é mais ou menos consenso que o termo juventude se refere a uma etapa de vida de transição entre uma maior dependência do ponto de vista das necessidades corporais e afetivas - a infância - e o que seria considerado, supostamente, como o “ápice” do desenvolvimento e da capacidade de pleno exercício da cidadania - a idade adulta -, ainda que estes conteúdos simbólicos, ou ligados às concepções de juventude como a duração, a significação social etc. são históricos, culturais e, portanto, transitórios – em algumas culturas tais concepções nem existem.

Em certa perspectiva da sociologia, a juventude é um momento crucial para a continuidade da vida coletiva, pois é nesse momento que o processo de socialização, ou a integração do indivíduo à sociedade, se completaria, ou não “(...) *trazendo consequências para ele próprio e para a manutenção da coesão social.*” (ABRAMO: 29, 1997). É nesse sentido que a sociologia volta suas preocupações para o processo de socialização dos jovens e sobre os possíveis “desvios” nela encontrados.

Além disso, segundo Helena Wendel Abramo,

Tal como foi consolidado no pensamento sociológico, a juventude ‘nasce’ na sociedade moderna ocidental (tomando um maior desenvolvimento no século XX), como um tempo a mais de preparação (uma segunda socialização) para a complexidade das tarefas de produção e a sofisticação das relações sociais que a sociedade industrial trouxe. Preparação feita em instituições especializadas (a escola), implicando a suspensão do mundo produtivo (e da permissão de reprodução e participação); estas duas

situações (ficar livre das obrigações do trabalho e dedicado ao estudo numa instituição escolar) se tornaram os elementos centrais de tal condição juvenil.(ABRAMO: 41, 2005)

Especialmente após a segunda metade do século XX, as concepções de juventude ganharam novos ares

(...) as culturas juvenis do pós-guerra vieram introduzir conteúdos positivos à condição juvenil, ligados ao lazer e à experimentação, assim como trouxeram para o campo visível de sua vivência os filhos das classes trabalhadoras. A vivência da experiência juvenil passa a adquirir sentido em si mesma e não mais somente como preparação para a vida adulta. (ABRAMO: 43, 2005).

Este movimento, fundamentalmente burguês, transformou as noções de juventude, imprimindo modelos: um “ideal” de como essa fase deve ser vivida, ideal que perdura até os dias de hoje e a partir do qual se avalia o conteúdo das juventudes de forma geral. Ao mesmo tempo, pelo menos até o fim da década de 1990, persiste a noção de que a juventude é um momento de desenvolvimento e ajuste ao “mundo adulto” e

É nesse sentido que a juventude só está presente para o pensamento e a para a ação social como “problema”: como objeto de falha, disfunção ou anomia no processo de integração social; e, numa perspectiva mais abrangente, como tema de risco para a própria continuidade social. Não é por acaso que a problematização é quase sempre então uma problematização moral: o foco real de preocupação é com a coesão moral da sociedade e com a integridade moral do indivíduo — do jovem como futuro membro da sociedade, integrado e funcional a ela. É nesse sentido também que na maior parte das vezes a problematização social da juventude é acompanhada do desencadeamento de uma espécie de “pânico moral” que condensa os medos e angústias relativos ao questionamento da ordem social como conjunto coeso de normas sociais” (ABRAMO: 29, 1997)

Dessa forma, para Abramo, tanto no papel de vítimas, como de algozes da cisão social, os jovens parecem se tornar depositários dos dilemas e dificuldades da sociedade como tal.

Como vítimas ou como promotores da cisão e da dissolução social, os jovens se tornam depositários desse medo, dessa angústia, o que os faz aparecer, mesmo para aqueles que os defendem, e que desejam uma transformação social, como a encarnação das impossibilidade de construção de parâmetros éticos, de parâmetros de equidade, de superação das injustiças, de formulação de ideais, de diálogo democrático, de revigoração das instituições políticas, de construção de projetos que transcendam o mero pragmatismo, de transformação utópica. Ou seja, como encarnação de todos os dilemas e dificuldades com que a sociedade ela mesma tem se enfrentado. E nessa formulação, como encarnação de impossibilidades, eles nunca podem ser vistos, e ouvidos e entendidos, como sujeitos que apresentam suas próprias questões, para além dos medos e esperanças dos outros. **Permanecem, assim, na verdade, semi-invisíveis, apesar da sempre crescente visibilidade que a juventude**

tem alcançado na nossa sociedade, principalmente no interior dos meios de comunicação.” (ABRAMO:32, 1997. Grifo Nosso).

No entanto, a partir dos anos 1990, outras condições vão se juntando a essas formulações

A percepção da juventude para além da adolescência em risco, numa direção, e para além dos setores da classe média, em outra direção, é mais recente, emergindo com mais força de uns dez anos para cá. Em certa medida como ampliação da preocupação vigente com a adolescência, na ‘descoberta’ de que os problemas de vulnerabilidade e risco não terminam aos 18 anos, mas muitas vezes se intensificam a partir daí. Mas também pelo aparecimento de novos atores juvenis, em grande parte dos setores populares, que vieram a público, principalmente por meio de expressões ligadas a um estilo cultural, colocar questões que os afetam e preocupam, diferente daquelas colocadas pelas gerações juvenis precedentes, e para as quais não havia nem mesmo formulações elaboradas no plano das políticas (ABRAMO: 39, 2005).

Em consonância com essas mudanças, no ano de 2013, a presidenta Dilma Rousseff instituiu o Estatuto da Juventude, pela primeira vez reconhecendo, do ponto de vista político e governamental, os jovens como sujeitos de direitos, assim como estabelecendo diretrizes para as políticas públicas voltadas para esse grupo. O estatuto define:

§ 1º Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.

§ 2º Aos adolescentes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos aplica-se a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, e, excepcionalmente, este Estatuto, quando não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente.⁵

Além disso, desde a primeira década dos anos 2000, alertando para a complexidade de experiências dessas fases da vida, fala-se em juventudes, no plural, ressaltando as diversas formas de vivê-las.

Esta mudança de alerta revela uma transformação importante na própria noção social: a juventude, mesmo que não explicitamente, é reconhecida como condição válida, que faz sentido, para todos os grupos sociais, embora apoiada sobre situações ou significações diferentes.(...) É evidente que não se esvanece a discussão sobre as desigualdades e injustiças presentes nessas diferenças; ao contrário, tal debate pode tomar mais concretude justamente porque os jovens dos setores mais desfavorecidos podem, agora, se pronunciar a respeito de sua experiência como jovens e expressar aquilo que lhes falta, que desejam e almejam para viver de forma digna e satisfatória sua juventude, em vez de serem apenas no registro de negação de identidade (ABRAMO: 44, 2005).

⁵BRASIL, Lei N° 12.852, de 5 de Agosto de 2013.

4 - JUVENTUDES DE HELIÓPOLIS

4.1 - DE OLHO NA QUEBRADA

Para Paulo Freire, as cidades educam de modo quase espontâneo, no momento em que elas desnudam as suas memórias

A Cidade somos nós e nós somos a Cidade. (...) Mas não podemos esquecer de que o que somos guarda algo que foi e que nos chega pela continuidade histórica de que não podemos escapar, mas sobre o que podemos trabalhar e pelas marcas culturais que herdamos. (FREIRE: 28, 2015).

Mas, para além disso, muito da tarefa educativa da cidade implica em um posicionamento político, a maneira como se exerce o “poder” na cidade e a favor de quem e do que ele é exercido. Nesse sentido, as memórias da cidade são manifestações vivas de sua cultura e a luta pelas formas de significação é também uma luta pela garantia de direitos. A cidade é, então, não apenas “educadora”, mas também “educanda” *“No fundo, a tarefa educativa das Cidades se realiza também através do tratamento de sua memória e sua memória não apenas guarda, mas reproduz, estende, comunica-se às gerações que chegam.”* (FREIRE: 30, 2015).

Um currículo tendo como centro a cidade, ou no caso de Heliópolis, o Bairro Educador, trabalha então com o binômio memória e identidade todo o tempo. Desde 2012 a UNAS, em conjunto com o CEU, vêm realizando projetos que buscam sistematizar a história da comunidade a partir do ponto de vista dos moradores e lideranças locais. Segundo o seu site, a UNAS acredita que

(...) a valorização das histórias de vida das pessoas, quando contadas por elas mesmas, resume os princípios do fazer histórico que defendemos. Acreditamos que todo sujeito tem história e que toda história tem seu valor. E, por ter valor, toda história merece ser preservada para futuras gerações.

Em virtude dessas concepções, e a partir da missão da entidade que busca colaborar para o desenvolvimento integral da comunidade transformando Heliópolis em um Bairro Educador, a UNAS vem realizando papel importante para a preservação e disseminação da memória comunitária local, contribuindo assim para constituir as identidades do bairro e das pessoas que moram nele, especialmente as novas gerações, trabalhando com novas formas de pertencimento. Entende-se, assim, que a construção de significados para as trajetórias de vida e para as escolhas realizadas (em qualquer idade) tem relação com o lugar de onde se veio

(com a Memória) e com as diversas linguagens através das quais atribuímos sentido a essa memória – tanto individual, como coletivamente.

Pensando nessas questões, a UNAS criou o projeto “De Olho na Quebrada”, em parceria com outras instituições. Na vigência do projeto, então, um grupo de jovens, coordenados por dois educadores, estão fazendo uma pesquisa que envolve tanto o levantamento de dados atualizados sobre a comunidade, quanto a reunião de testemunhos de moradores sobre o bairro.

Assim, a preservação da memória em conjunto com o levantamento de novos dados, representa uma forma de luta para a UNAS. Segundo Antônia Cleide Alves (Presidenta da organização), em entrevista ao *site* de notícias Agência Pública:

A gente teve que criar o projeto do Observatório De Olho na Quebrada exatamente por causa disso. Para saber o número de habitantes aqui. Alguns falam 220 mil, outros em 180... Ou, por exemplo, quantas mulheres são chefes de família aqui?

Essa morte só apareceu [nos jornais] porque foram nove em Paraisópolis. Se lá tivesse sido uma e aqui uma, não teria visibilidade. Não é nem nossa tarefa como organização sem fins lucrativos, como uma associação de moradores que nasceu para lutar e garantir que as pessoas tivessem onde morar aqui em Heliópolis. A gente não deveria ter a necessidade de ir atrás e montar um observatório para mostrar os números do que está acontecendo aqui. É uma forma que a gente tem para ser enxergados porque, sem isso, não somos nem vistos nem contados. (2019).

Exemplo dessa questão apontada pela Cleide é o levantamento que os jovens do Observatório fizeram sobre a quantidade de moradores de Heliópolis, conforme mostra a Figura 1, retirada de uma apresentação feita pelo grupo do Observatório.

Figura 1 - "Os dados oficiais dizem coisas diferentes"

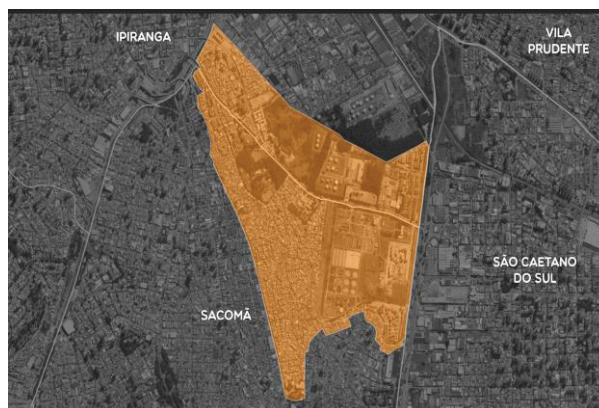


Fonte: Observatório de Heliópolis “De Olho na Quebrada” (ainda não publicado)

A pesquisa dos jovens ainda está em andamento, mas alguns dados já foram levantados. A diferença de como a comunidade é mapeada “oficialmente”, pelo movimento social e pelos jovens atualmente - conforme mostram as figuras 2, 3 e 4 -

também é interessante, pois mostra como o tratamento dos dados e as impressões que se tem sobre o bairro mudam de geração para geração.

Figura 2 - Mapa Oficial



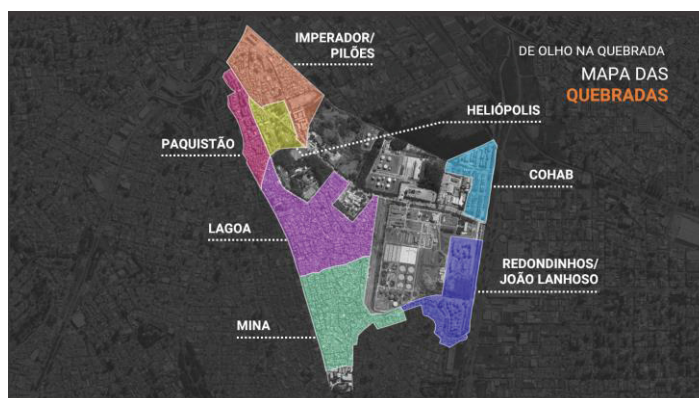
Fonte: Observatório de Heliópolis “De Olho na Quebrada” (ainda não publicado)

Figura 3 - Mapa do Movimento Social



Fonte: Observatório de Heliópolis “De Olho na Quebrada” (ainda não publicado)

Figura 4 - Mapa elaborado pelos jovens



Fonte: Observatório de Heliópolis “De Olho na Quebrada” (ainda não publicado)

Assim, entendemos que as memórias são exemplares para se ter um panorama geral do que é e o que era ser jovem em Heliópolis. E por isso, transcrevemos as entrevistas (ou trechos delas) realizadas com o coordenador do

projeto do Observatório, Reginaldo José Gonçalves, uma das jovens participantes, Gabriele Caroline Souza, e Luan Gonçalves, ex-aluno da EMEF Pres. Campos Salles.

4.1.1 Reginaldo José Gonçalves

Reginaldo José Gonçalves, 43 anos, é morador de Heliópolis, membro da diretoria ampliada da UNAS e uma das maiores lideranças entre as juventudes do bairro. Começou na militância ainda jovem e sua história perpassa várias gerações da comunidade: as que vieram antes dele e as que vieram depois. A entrevista abaixo foi concedida à Laila Siwek Sala no dia 10 de outubro de 2019 em São Paulo e aqui está transcrita na íntegra.

Laila: Aqui em Heliópolis há várias formas de ser jovem que variam de geração para geração. A Cleide⁶, por exemplo, começou na militância quando ela tinha 15 anos e esse era um jeito de ser jovem - no finalzinho dos anos 1970, começo dos anos 1980 -. Hoje eu sinto que a juventude tem uma visão de si mesma muito deteriorada, eles têm esse discurso que “a juventude de hoje em dia ...”

Reginaldo: *Eu acho que o problema não é nem esse discurso da juventude, eu costumo falar que o problema é o discurso do adulto em relação à juventude. O jovem é considerado o jovem responsável, mas ao mesmo tempo é o jovem que é cobrado para ajudar em casa com a família. Fala-se que a educação é o caminho, mas ao mesmo tempo se faz os jovens pararem de estudar para começar a trabalhar, ajudar em casa... Da minha geração para a geração de hoje esse discurso não mudou muito. Na minha geração isso era muito mais evidente, mas eu ainda escuto esse discurso hoje. Os jovens que estão no projeto muitas vezes escutam: “Por que você está indo para o projeto? Se você tem que ajudar em casa e trabalhar para comprar suas roupas, tênis, material que você for consumir”, então tem essa pressão que não muda.*

Agora em relação às juventudes, eu acho que teve uma mudança, de acordo com as oportunidades que foram criadas. Você falou da Cleide, teve a geração dela, a minha que foi intermediária, e a atual. A minha geração é uma que não lutou

⁶ Antônia Cleide Alves, presidenta da UNAS na gestão de 2018-2020.

especificamente pelas oportunidades aqui de Heliópolis, mas acompanhou esse processo de luta e esse processo de transformação em relação às oportunidades para juventude. Eu lembro bem que a maioria dos meus amigos de escola ou foram presos ou foram mortos. Não tinham essas oportunidades. O que a gente tinha era a rua. Não tinha CCA⁷, projeto social, atividades culturais. A maneira que a gente achava pra se divertir era a rua, e na rua você está exposto a tudo que tem de negativo, por isso que muitos desses meus amigos acabaram trilhando outros caminhos, perdendo ou prejudicando a vida, por não ter oportunidades. Aí minha geração começou a perceber a importância de lutar e se juntou com os mais antigos para poder criar essas oportunidades, criar alternativas pra tirar os jovens da rua, e paralelo a isso, começaram os projetos sociais aqui em Heliópolis.

Os CCAs foi um divisor de águas aqui na comunidade, porque tira não só as crianças, mas também os adolescentes da rua e leva-os para um espaço que tem aula de teatro, hip hop, dança, robótica, xadrez, e amplia o universo cultural, social e educativo dessas crianças e adolescentes, para que eles não tivessem a mesma visão que a gente tinha naquela época, de que só tem um caminho. Eu comecei a perceber que foi diminuindo o índice de violência, de jovens envolvidos com a criminalidade, e aumentando as oportunidades também. A minha geração acompanhou esse processo de mudança e acabou colaborando também com esse processo de lutar para que tivesse mais oportunidades para a juventude daquela época.

A diferença é que a geração anterior começou a lutar, e a gente foi junto com eles. A gente não tinha uma voz ativa, a gente ia pelo que eles falavam que era interessante para comunidade, a gente não tinha a experiência de lutar, por ser jovem e não ter vivido ainda o processo de trabalhar a autonomia, a responsabilidade, o indivíduo como cidadão. Não aprendemos na escola, e nem na rua, e a gente não teve as oportunidades que têm hoje para ter mais conhecimento sobre os direitos e deveres do cidadão, por exemplo.

L: Como você entrou na UNAS?

⁷ Centros para Crianças e Adolescentes – programa da PMSB ligado à Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADs) que consiste em um convênio com entidades não governamentais para gerenciar equipamentos de atendimento à crianças e adolescentes no contraturno escolar. A UNAS administra 14 CCAs atualmente em Heliópolis e nas regiões adjacentes ao bairro.

R: Eu entrei na UNAS através da Rádio Comunitária Heliópolis. Eu era DJ, tocava, tinha uma equipe de som, chamada Equipe de Rotação 2000, que era eu, um dos primeiros DJs de Heliópolis que era o DJ Sapão e o DJ Gozima. E a gente tocava, na época tinha muita festa junina, quermesse, festa das escolas e tudo o mais, e a gente era chamado pra tocar nesses eventos. E tinha a rádio Comunitária Heliópolis, que a gente acompanhava desde a época da rádio Corneta, tinha uma Corneta no Copa Rio, que era o campo de futebol aqui dentro de Heliópolis, que a gente frequentava muito e escutava rádio. Em 1997 a rádio passou a ser escutada no dial, a UNAS conseguiu uma parceria, conseguiu comprar um transmissor e colocar rádio para pessoas e a gente viu uma oportunidade para poder divulgar mais o nosso trabalho.

Aí a gente começou a acompanhar a rádio, e conseguiu um horário na programação para fazer nosso programa, que na época chamava “Black Mania”, tocava um pouquinho do que a gente tocava na noite: rap nacional, internacional, [Luiz] Melodia, samba rock, flashback, a gente fazia um misturado nessa programação.

Então eu comecei a conhecer um pouco do trabalho da UNAS, mas eu entrei para divulgar nosso trabalho, a gente pensou que a rádio podia ser uma oportunidade para gente pegar mais festas, mais eventos na comunidade. E quando a gente estava com a programação bombando, a Gerô⁸, que era a coordenadora da rádio na época, chamou a gente para uma reunião e a gente achou que ia aumentar nosso horário.

A rádio não tinha nem telefone pra você ter uma ideia, as pessoas iam lá, pediam para tocar música e falavam: “daqui 5/10 minutos você toca, moço” para dar tempo de chegar em casa e escutar a gente falando dela, para você ver como a rádio era o “bum” do momento naquela época.

Mas aí a Gerô chamou a gente para reunião e falou que queria rever nossa programação porque a gente não estava fazendo um programa comunitário. Ela falou: “esquece seu trabalho de DJ porque agora você é um comunicador social, você está a serviço da comunidade”. Na hora a gente não entendeu muito, mas depois eu fui perceber o que ela tinha falado, porque as pessoas começaram a parar

⁸ Gerohannah Barbosa é mulher trans, moradora de Heliópolis, membro da diretoria ampliada da UNAS e uma das lideranças do movimento LGBTQ+ local. Começou sua militância na Rádio Comunitária de Heliópolis.

a gente na rua pra falar sobre muitas coisas, desde criança desaparecida, documento, cachorro, papagaio, até os problemas da comunidade mesmo, esgoto a céu aberto, de cobrar a subprefeitura para resolver esses problemas e a gente viu que realmente era uma responsabilidade enorme, e que a gente estava tendo uma possibilidade de estar à frente da rádio e servir à comunidade. Por isso, eu comecei a me envolver nas formações que a UNAS estava desenvolvendo naquela época para as lideranças. E eu, como representante das juventudes, comecei a participar desse processo de formação e comecei a fazer alguns trabalhos voluntários, até aparecer a oportunidade de fazer uma oficina de DJ, no começo eu achei que não ia ser capaz, porque tocar é uma coisa e ensinar é outra. E a gente começou a trabalhar no projeto chamado “Se Liga Galera” um projeto que tinha oficina de DJ, teatro, aula de cidadania...

Eu dava aula lá toda semana e fui percebendo a importância desses projetos, dessas atividades e tudo que a UNAS representava para a comunidade. Era uma oportunidade de ter realmente um espaço que promovesse não só a formação, mas um espaço de escuta da juventude, um espaço onde a juventude tivesse a fala. Então isso era fundamental, coisa que na minha época não tinha, mas a gente pôde oferecer isso para esses jovens que estavam participando dos projetos.

L: Vocês que cavaram isso, na raça...

R: *É, foi meio que na raça. A UNAS sempre deu essas oportunidades para os jovens, é importante falar isso. Mas na época a gente não era tão empoderado como a gente vê a geração de hoje. Eles são bem instantâneos, querem as coisas rápido, ao mesmo tempo são bem espontâneos e tem conhecimento do que eles podem e não podem fazer. Na nossa época não tinha muito isso.*

Então eu vejo hoje, pensando nesse trabalho que a gente desenvolveu, a gente conseguiu abrir muitas portas para os jovens. Depois do “Se Liga Galera” eu lembro que tinha 4 ou 5 projetos que o jovem podia escolher, nenhum desses projetos tinha bolsa ou algum tipo de gratificação por participar e eram todos lotados, porque não tinham outras oportunidades. E eu vi essa transformação acontecendo, essa necessidade de trabalhar, de ajudar em casa, afastando aos poucos essa nova geração. E essa pressão ia aumentando, uma pressão para os jovens entrar no

mercado de trabalho, ajudar em casa e deixar de participar dos projetos e aprender a se tornar cidadão de fato, com todos os seus deveres e direitos bem claros.

E outra questão que eu acho que mudou muito é que a geração anterior à minha e a minha tinham muito receio de falar que morava em Heliópolis. Primeiro porque sofria preconceito, os outros achavam que a gente era bandido, marginal, e quando estava procurando emprego não conseguia vaga. Tinha qualificação profissional, tinha experiência, as vezes mais que o cara que estava concorrendo com você, mas se falasse que morava em Heliópolis não conseguia a vaga. Então eram essas questões que as vezes inibiam a minha geração e a anterior de falar que morava em Heliópolis.

Ao longo desse processo de transformação e criação de oportunidade isso foi se modificando. A geração atual fala que mora em Heliópolis com orgulho, inclusive as pessoas até respeitam, acham legal, querem conhecer. Por mais que a mídia faça uma divulgação negativa, as pessoas conseguiram perceber que em Heliópolis tem alguma coisa diferenciada, essa organização, a articulação da população da comunidade trouxe benefícios, criou referências. Isso de você pertencer a um território, respeitar, ter orgulho, também era uma forma de agir que mudou das gerações anteriores para essa. Ninguém mais tem medo de falar que mora em Heliópolis. Nisso a gente conseguiu avançar muito.

Outra questão que eu vejo é a da violência. A geração anterior à minha e a minha sofreu muito com a violência, e ao longo dos anos com esses projetos a gente foi diminuindo esse índice, a Caminhada Pela Paz⁹, o trabalho feito na Campos Salles junto com a UNAS...

L: A própria Leonarda era jovem né? Tinha 15, 16 anos.

R: *Sim, era jovem, foi morta em frente à escola. Então esse processo educativo de organização da comunidade foi mudando essa questão da violência, uma coisa que na minha época enquanto jovem era natural: falar que tinha chacina aqui em Heliópolis, que teve morte, tiroteio, a geração de agora não tem, se falar que morreu*

⁹ A Caminhada Pela Paz, organizada pelo Movimento Sol da Paz, é um ato que acontece todos os anos em Heliópolis. Começou em função da indignação pelo assassinato de uma adolescente chamada Leonarda, estudante da EMEF Pres. Campos Salles, e hoje é uma das formas através das quais a comunidade encontrou para reivindicar a rua como espaço público de convivência e de luta pela ampliação de direitos.

alguém aqui, todo mundo fica assustado, porque não é mais uma coisa natural. Essa naturalização da violência por muitos anos esteve presente em Heliópolis e hoje não.

Mas eu tenho receio de isso voltar, por isso é importante esse trabalho com a juventude, criar oportunidades, fazer cursos profissionalizantes, inserir o jovem no mercado de trabalho e ao mesmo tempo incentivar o jovem a continuar estudando, porque eu acho que esse é o caminho que os tira da criminalidade, das drogas, da violência, enfim, eu acho que a gente consegue fazer uma equação que consegue trilhar um caminho bacana pros jovens

L: E a escola? Porque eu vejo uma diferença muito grande sobre a visão da escola e a própria escola em si.

R: Vou dar o meu relato baseado na minha pessoa. Eu era aluno da EMEF Pres. Campos Salles. Eu nasci no São João Clímaco, aqui do lado, vim para cá com 5 anos de idade, porque o aluguel estava muito caro lá, minha tia conseguiu uma doação de terreno pela igreja, e chamou meus pais. Eles queriam povoar Heliópolis. E aí eu comecei a estudar na EE Tancredo Neves e depois vim pra Campos Salles, que era considerada uma das piores escolas da região, ninguém queria ter o filho estudando lá, mas era a escola mais próxima da comunidade. Meus pais estavam trabalhando então era mais fácil porque a gente se virava e ia sozinho. Aí eu fiz o ensino fundamental na Campos Salles. E foi bem interessante acompanhar essa mudança da escola.

L: Isso foi antes do Braz¹⁰ vir ser diretor?

R: Acho que quando eu estava no último ano quando o Braz chegou. Então eu peguei a transição da chegada do Braz aqui, depois fui saber que ele tinha sido efetivado como diretor da escola. A mudança do que era a Campos Salles naquela época e do que é agora, não só da qualidade da educação, mas dessa parceria

¹⁰ Braz Nogueira, liderança comunitária e membro da diretoria ampliada da UNAS, assumiu a direção da EMEF Pres. Campos Salles em 1997 e, junto com a comunidade, promoveu diversas mudanças na escola e fora dela que deram origem ao movimento que hoje busca transformar Heliópolis em um Bairro Educador.

entre escola e comunidade foi muito interessante, porque uma escola que era vista como um espaço negativo, ninguém queria ter um filho lá, se transformou numa escola que todo mundo quer participar, se tornou uma escola referência até para outras comunidades. A escola conseguiu aumentar o índice da qualidade do ensino, criou uma metodologia de trabalho totalmente diferenciada, que a gente acredita hoje: do jovem como protagonista, do aluno ser a referência, que um ensina para o outro, educação em círculo, uma coisa totalmente diferente da minha época.

E eu acompanhei esse processo, conversei com os alunos e vejo a diferença que isso faz na vida deles. Por exemplo, eles tinham uma eleição dentro da escola: eles escolhem, entre os alunos, um prefeito, um vereador, os secretários e tudo mais. Eu fui na escola entrevistar eles, entrevistei uma estudante, a Nicole, que foi eleita prefeita, e ao ouvir ela falando, a clareza das propostas que ela tinha... Eu hoje adulto não tenho essa clareza que ela tem. E o que me chamou mais atenção foi que depois da eleição, conversei com o menino que concorreu com ela e perdeu e ele falou: "a gente estava concorrendo, mas perdeu agora vamos acompanhar e fiscalizar o trabalho da prefeita porque eu acho importante a gente dar apoio". Caramba! Esses moleques aqui estão dando uma aula de cidadania e lá atrás eu nunca imaginei que pudesse acontecer isso numa escola. Mesmo que seja só a escola Campos Salles já é um avanço enorme, é mudar totalmente as possibilidades.

A gente vinha para a escola porque era obrigado, porque os pais mandavam, e eu vejo nessa nova geração, com essas novas metodologias educacionais e tudo o mais, novas estratégias, aulas de robótica, informática, eles gostam de estar aqui nesse espaço, faz total diferença. Na minha escola não tinha isso. Era aula de português, matemática, educação artística, ciências, mas era uma coisa muito quadrada, a professora na lousa passando a informação e você ali quietinho não podia nem falar nada, nem dialogar...Trabalhar com música, impossível!

E a gente vê esse avanço. Só que isso é uma escola só... Ao nosso redor aqui não é assim, as outras são iguais às que eu estudava. Os alunos não querem ir porque querem aprender, para estudar, porque têm prazer... Eles vão porque querem o diploma, sabem que é importante, o pai obriga. Se for de escolha deles, a maioria não acha interessante ir. Porque a metodologia ainda é do século passado. A gente está em um mundo com uma tecnologia, tudo está aí ao nosso alcance. Você não precisa mais de um professor para te falar, é só ir no Google. Então se a

gente não acompanhar esse processo de avanço tecnológico e adaptar isso para a escola, vai ficar pra trás mesmo.

L: E eu tenho a impressão de que no ensino médio esse nó ainda aumenta, porque os alunos têm mais autonomia de estar no mundo...

R: Mais autonomia e menos prazer de estar na escola...

L: Menos ainda, pois é, porque não são considerados, não tem escuta.

R: A gente fez um encontro do Fala Jovem¹¹ uma vez e debateu essa questão da qualidade do Ensino Médio e o que foi muito falado foi isso. A falta dos professores na escola, porque os professores são desvalorizados a cada dia. Já era na minha época e hoje mais ainda, essa perda de direitos que a gente está vendo aí. O professor já vem desmotivado para aula e desmotiva o aluno. O professor às vezes fica amarrado a uma grade curricular que não pode criar outras estratégias, tem que ser aquilo e acabou, então você não consegue enxergar, com essa metodologia, com esse sistema, um avanço na educação.

Em contrapartida quando você vai num projeto social, num CCA você consegue enxergar essas outras coisas. Trabalhar a educação através da arte, da cultura, da história da comunidade, da memória, então isso faz todo sentido para o aluno que está ali e a escola poderia fazer esse papel. Eu não vejo isso separado, o projeto social da escola, eu acho que é a integração, a gente fala de escola em tempo integral, eu acho que o certo é educação em tempo integral, pois o aluno é o mesmo. Então tinha que ter essa integração para atender esse aluno em todas as questões importantes de serem trabalhadas e a gente não vê isso na escola.

E tão falando agora de mudar a questão da educação baseada na educação do exército, militarizar, vai ser pior ainda, a gente vai agora criar robozinhos. A gente quer pessoas pensantes né, eu dei o exemplo aqui da Nicole que eu fiquei surpreso, porque até hoje eu não tenho essa noção de cidadania que ela teve, uma menina de 12/13 anos, hoje acho que não está mais na Campos Salles, deve estar no Ensino Médio...

¹¹ Fala Jovem é movimento organizado de juventude da UNAS.

L: Ela está hoje na ETEC Heliópolis

R: *Então para você ver... Outra coisa também, a ETEC aqui, quando inaugurou, não tinha quase aluno da comunidade e hoje 90% deles são de Heliópolis, para mim é um orgulho ver isso. Mas teve um cursinho preparatório também para esse pessoal, teve todo um trabalho para poder colocar os moradores da comunidade para ocupar esse espaço, porque só com o ensino das escolas convencionais os estudantes não conseguem passar no vestibulinho, aí vem os alunos de escolas particulares, de fora, para ocupar esse espaço que a gente não consegue ocupar porque a gente não tem uma qualidade no ensino. Então é um negócio meio louco.*

L: É um ciclo vicioso né? Mas mudando um pouco de assunto, eu não sei se você concorda comigo, mas eu tenho a impressão, pensando sobre o que eu conheço da história de Heliópolis, que a geração anterior à sua, a da Cleide mais ou menos, tem uma diferença: é uma geração que se formou na luta pela moradia, na questão da terra mesmo, que era mais séria, apesar de ser ainda uma questão na sua geração mas que já estava mais consolidada. E eu tenho a impressão que na sua geração uma marca seria a questão da cultura mesmo, você falou que era DJ, o Hip Hop também teve um papel importante, não sei se eu estou falando de você, mas teve uma geração dos anos 1980/1990 que se formou no Hip Hop, que também tem um papel importante na formação do senso crítico...

R: *É, eu costumo falar que o Hip Hop, principalmente o Rap, mas a música no geral sempre fez parte da comunidade. A música, a cultura, a arte, sempre fez parte das gerações e teve papel fundamental. Para mim às vezes cumpriu um papel que a escola não conseguiu cumprir. Por exemplo, tinha uma música do SLJ que era um grupo de Rap da década de 1990, começo dos anos 2000 que era assim “na escola a professora não ensinava nem o que era genocídio” e eu pensei, caramba, eu não aprendi o que era genocídio na escola, e eu fui pesquisar e fui ver, que palavra forte! E a importância da gente saber o que é o genocídio que hoje a gente vive, o genocídio da juventude negra e periférica, e a gente não percebia aquilo acontecendo debaixo das nossas barbas, e através da música começamos a nos orientar. Racionais MCs foram uns caras que alertaram muito, que falavam muito sobre a realidade daquela época, nua e crua e foi um choque. E de uma maneira*

muito diferente porque não usaram a mídia, nem a tv, foi olho no olho, através da música, conseguia chegar na gente.

Então a música e a cultura sempre tiveram presentes aqui. E o Rap em si, o hip hop, teve um papel fundamental para minha geração, porque era através da música que a gente conseguia denunciar o que estava acontecendo aqui na comunidade, através da música que a gente tinha uma voz da periferia. A gente falou muito de espaços de escuta, de dar voz para a juventude, e o rap proporcionava isso, a gente poder falar o que estava acontecendo com a gente do jeito que a gente pensava. Então acho que nossa geração foi privilegiada nesse sentido, de ter uns caras que estavam na linha de frente, que sabiam o que a gente passava e conseguiam retratar isso facilmente na música, e a gente conseguia se identificar com essa música que é saída do gueto, da periferia, que foi perseguida, assim como o funk hoje é. Na nossa época foi o rap, lá atrás foi o samba. E a gente via a importância que tinha, os instrumentos que são criados na periferia para fazer a diferença.

Hoje a gente tem a literatura periférica, a literatura marginal, que tem uma força enorme, mas pergunta se alguém apoiou? Foi tudo feito de dentro para fora e de dentro pra dentro. Ninguém chegou de fora e quis ajudar. Hoje a gente tem cada poeta. A gente tem uma editora, uma gráfica, aqui dentro de Heliópolis que lança tanto livro que eu nem imaginei que tinha tanto poeta aqui, você vê como as oportunidades são importantes? Uma editora aqui fez toda a diferença, fez aflorar os talentos aqui que estavam escondidos, que não tinham oportunidade para mostrar o seu trabalho, o seu talento. O dom da escrita, da palavra, da oratória, e tudo isso a gente consegue através de um projeto, de uma ação né? Então a música, a cultura, o rap na minha geração foi muito importante, porque conseguiu não só mostrar a juventude que estava ali exposta à polícia ao tráfico e à violência, mas uma juventude que tinha voz, que sabia o que queria.

L: Que se auto afirmava também, que falava “eu existo, eu tenho direitos”.

R: *Sim, e que incomodava o poder público né? E isso é legal mesmo que você falou, a questão da cultura estar muito presente, até hoje, no dia a dia da juventude. Na minha época foi fundamental porque fez a gente perceber que a gente poderia ter voz e vez, porque também não é só fazer música por fazer, é fazer música com um*

sentido, com um propósito, com um objetivo, e isso aconteceu muito na minha geração.

L: Uma impressão que eu tenho é que junta um movimento social mais duro, vamos dizer assim, com um movimento social mais cultural e um aprende com o outro. Se a gente fosse, por exemplo tentar fazer uma linha, eu tenho a impressão de que você teve um papel importante na formação do Avante, o Coletivo [grupo de *rap* local], que por sua vez teve um papel importante na formação do Igor [*rapper* morador da comunidade], que agora é educador, então tem uma linha. Um pouco nesse sentido de que essa junção do movimento social da luta mais dura, não sei que nome dar para isso direito, com um movimento cultural resulta num projeto de educação que é o que a gente chama de Bairro Educador, apesar de ter gente que diz que a questão da cultura não é tão importante, mas aqui a cultura mobiliza as pessoas nesse sentido de dar voz..

R: Uma vez eu falei que educação e cultura andam lado a lado, teve gente que falou que cada um é uma coisa, que educação tem uma importância e a cultura tem outra, mas eu não consigo desassociar. Para mim andam lado a lado. Se você tem educação, mas não tem a questão cultural da memória, da história de onde você veio, para onde você quer ir, da história do seu bairro, da riqueza cultural dos artistas, da culinária, tudo que é produzido culturalmente na sua região, a educação não vale de nada. Acho que você tem que juntar a educação e a cultura com a realidade que você está inserido, que você vive, e até do seu país, porque tem gente que tem condições sociais e financeiras de estar num patamar diferente do nosso e não conhece a nossa realidade.

L: Nem sabe que existe né?

R: O João Miranda¹² falou uma coisa que até hoje me marcou, que a gente fala da questão da educação e cultura, mas ele falou que a geração dele não estava preocupada com educação e cultura, estava preocupada em colocar um prato de

¹² João Miranda é um dos fundadores da UNAS, morador de Heliópolis, liderança comunitária e um dos membros da diretoria da UNAS.

comida para os filhos terem o que comer, e depois que os filhos tivessem alimentados que iam se preocupar com outras questões. Para a geração dele a preocupação era comida e moradia. Para minha geração já tinha moradia e um arroz com ovo para comer, aí foi atrás de cultura, de educação, de outras coisas. E essa nova geração já tinha tudo isso.

L: E agora?

R: Agora tem a tecnologia. Vamos ter acesso à tecnologia, que antes parecia uma coisa muito distante da gente, você ter um computador em casa, celular, internet, nem pensar. Lembro da internet discada que era junto com o telefone... E a gente foi tendo condições de ter acesso a essas ferramentas tecnológicas e isso fez total diferença.

Essa geração não depende mais de ninguém para ter informação, na nossa época a gente usou muito a música, a arte e a cultura para ter informação, e essa geração usa a tecnologia. Só que o problema dessa tecnologia é que tem muita informação e não tem um filtro, tem muita coisa bacana, mas tem muita coisa ruim, muita coisa mentirosa que não vai agregar nada na vida do jovem e ele acaba absorvendo aquilo e às vezes perdendo o sentido da vida, porque às vezes a tecnologia ali fica em primeiro lugar. Parece que a tecnologia está te juntando, te socializando com as pessoas mas está te afastando, porque é você e o computador ali, não tem mais contato, olho no olho, a troca de ideia, então a gente tem que tomar cuidado com o que é oferecido pra gente, sempre foi assim, mas agora mais que nunca.

L: Pode ser que ao invés de ajudar capture né? Ao invés de fortalecer a luta, captura para eles né?

R: E também com essa questão da tecnologia, acabou se tornando uma geração instantânea, né? Uma geração que quer tudo muito rápido. A nossa geração e a geração anterior tinham muito a questão do processo. Tinha que ter um processo para você conseguir as coisas, tinha que ter luta, disputa, muita garra pra você conquistar alguma coisa. A geração de hoje já não tem muito isso porque a internet te possibilita muita coisa, e às vezes as informações ficam muito fáceis e essa

geração se acostuma com isso. Antes, para fazer alguma atividade tinha que fazer uma reunião, organizar, tirar as responsabilidades, planejar, ver o que vai acontecer. Hoje eles fazem isso muito rápido, esse processo que a gente tinha de dialogar, se perdeu. Costumo falar que é a geração “miojo”: é muito rápido mas às vezes não tem o conteúdo, não vai nutrir os jovens de conhecimento, de informação, de possibilidades para ajudar elas lá na frente, e aí entra o nosso papel, principalmente da minha geração que passou por esse processo, porque essa geração não está enxergando que pode perder tudo isso, ou que esse negócio de tudo rápido não é tão bom assim porque você não sabe entender como que é o processo das coisas.

L: E que isso está mais afastando do que juntando as pessoas.

R: *O tanto de jovem que está morrendo aí, se suicidando, com depressão... E gente que acha que é frescura não está entendendo o que está acontecendo com a juventude. A gente tem que ter um olhar para essa juventude, tem que parar para discutir, para pensar, porque não é natural o jovem ficar o dia todo no computador, não querer ir para rua, nem para escola, não querer conhecer outras pessoas, não querer namorar.*

L: Isso me intriga porque a visão que eu sempre tive da juventude é que a adolescência é a idade de ganhar o mundo, de querer ir para a rua. A rua tem uma importância grande para a juventude por conta disso.

R: *Eu vejo essa diferença muito grande da minha geração em relação a essa. Agora você está contente de falar com a pessoa no WhatsApp e não quer ver pessoalmente. Às vezes é o vizinho do lado, ou na sua casa, com o pai, mãe, irmão, que poderia estar falando ali. A gente vai almoçar e está todo mundo no celular, não tem mais esse olho no olho. Isso é uma coisa que preocupa muito.*

Fora as mensagens que são passadas, as informações, as fake news por exemplo, a gente teve o exemplo de um presidente ser eleito por causa de fake news, as notícias falsas ajudaram muito, não deixaram as pessoas processarem o que estava acontecendo de fato, de entender que tem um projeto ali que pode não ser o ideal, mas tem um que não tem nem um projeto. E a gente vai se levar por isso? E aconteceu isso né? Não só os jovens, no geral mesmo, mas a juventude também, por não estar contente com o que está acontecendo, com o desgaste

político de corrupção e tudo de negativo que a gente sabe, que não é de hoje, 500 anos de corrupção, mas que acabou contribuindo para que o jovem não percebesse a importância de ele lutar pelos seus direitos, de querer entender o que está acontecendo e se afastar da política, falando da política no geral mesmo, da política pública, de Estado, do nosso dia a dia, que afeta diretamente a juventude, por exemplo.

L: E o que você acha que engaja um jovem num coletivo, numa coisa que seja maior do que ele?

R: *O que eu vejo, falando de todas as gerações, o que engaja os jovens são atividades e ações que são do interesse deles, a linguagem por exemplo, a música é uma coisa que engaja, a cultura, uma pista de skate. Agora, o que a gente tem que entender da juventude é que são diversas juventudes. Juventude é uma coisa muito ampla. A diversidade e a riqueza da diversidade são muito legais. Hoje o jovem consegue se posicionar e colocar ali a sua maneira de ser, de agir e tudo o mais, e isso também traz problemas para eles. Tem essas duas questões.*

Mas uma coisa que ao meu modo de ver foi se transformando ao longo dos anos: o jovem começou a perceber que ele poderia se expor como cidadão, colocar suas opiniões, se fazer ser respeitado e esse foi um processo de formação, de articulação, de mobilização. Eu vi nesses últimos anos essa ação que teve nas escolas públicas, esses movimentos dos estudantes do ensino médio de defender sua educação, isso foi uma coisa muito bacana e aconteceu de maneira natural, não teve ninguém que falou que ia lá articular os jovens, foram eles mesmos. Então, a partir de uma demanda eles perceberam que era importante lutar pela qualidade do ensino e lutar para manter a escola deles, porque corria esse risco de umas escolas fecharem e eles começaram a se organizar e se mobilizar e nisso eu vi nascer várias lideranças juvenis.

L: Como foi esse movimento aqui?

R: *Na Época a EE Manoela Lacerda Vergueiro, uma escola aqui da região, correu o risco de ser fechada, principalmente o período noturno. E aí a gente começou a organizar com o Fala Jovem e com uns alunos que estudavam lá, uma mobilização*

para que não fechasse esse período, então a gente fez uma articulação e se juntou com alguns professores da escola na época e fizemos um grande ato. Juntamos uns 200 alunos, foi bem interessante. A gente não chegou a ocupar a escola como em algumas regiões aconteceu, até porque eles recuaram, não fecharam nada, acharam que não ia ter força. Inclusive criaram uma estratégia de desmobilização: no dia que a gente foi fazer a ação, liberaram os alunos mais cedo. Mas os alunos que estavam ali engajados já estavam, não teve jeito, então com a galera que a gente estava lá, a gente conseguiu fazer uma pressão e não teve a necessidade de ocupar. A gente não queria ocupar só por ocupar, nosso objetivo era manter o período noturno e a escola aberta, e a gente conseguiu isso, então para a gente foi suficiente.

Outras escolas aqui na região também fizeram movimentos, que não estavam tão atuantes, mas a gente conseguiu acompanhar. Isso foi bem interessante, ver a juventude se organizando, se articulando, os estudantes, sem ter ninguém ali por trás incentivando, foi uma maneira bacana. Não que não tenha que ter, mas quando se fala de organização da juventude, se tiver a liberdade da juventude ter a sua autonomia, eu acho legal, mas eu não vejo problema nenhum ter alguém por trás se for pra atender a demanda dos jovens.

L: Isso que eu ia perguntar, qual você acha que é o papel do adulto?

R: *Eu vi uma frase uma vez que eu achei muito interessante, eu acho que a gente não consegue preparar o mundo para o jovem, mas a gente consegue preparar o jovem para o mundo. Então eu acho que o papel do adulto é esse, é dar ferramentas, subsídios para o jovem se tornar um cidadão com clareza dos seus direitos e deveres. O primeiro passo é esse, o segundo passo é o jovem entender que se ele quer criar um mundo melhor ele tem que participar, não tem jeito, não dá para esperar o outro fazer para mim, ou até dá para esperar o outro fazer para mim mas do jeito que ele quer.*

L: E aceitar, né?

R: *É, aí eu não posso falar nada porque eu não participei. Então acho que isso também é uma coisa que o jovem tem que perceber e o adulto mostrar para ele t.*

Porque tem essa questão, às vezes a gente não consegue perceber o que a gente necessita, porque às vezes o que a gente quer não é o que a gente necessita. Por exemplo, eu posso falar “eu queria que tivesse mais escolas aqui na região”, é uma coisa legal, mas ter mais escolas na região com essa mesma qualidade que tem aqui será que é uma coisa interessante para a gente? Será que vai mudar de fato a vida desse aluno que vai entrar lá? Ou vai ser só uma escola a mais? Então é essa reflexão que a gente tem que fazer junto com o jovem, e dar a oportunidade do jovem ser a linha de frente mesmo.

Até quebrar a cara faz parte do processo de aprendizado de todo mundo. Quantas vezes eu fiz coisa errada? Fiz cagada? Mas foi bom pra mim também, porque eu percebi. Quando você comete o mesmo erro duas, três vezes aí já não é cagada, aí já é burrice. Mas teve um jovem que falou para mim “eu estou no momento de errar”, eu falei “não, você está no momento de tentar, errar ou não é consequência. Não é você fazer qualquer atividade e errar e está tudo bem, porque tudo tem consequência. Você está no momento de tentar, e perceber que você é um sujeito como outro qualquer com direitos e deveres e com uma importância enorme no processo de transformação da sua vida e da vida das outras pessoas. Então se você quer uma vida melhor, você precisa participar desse processo de mudança, você tem que participar desse processo de melhora, e isso as vezes precisa luta, isso leva tempo, precisa engajamento, não é instantâneo.”

Então eu acho que o papel do adulto é mais ou menos esse, contribuir e colaborar para que o jovem perceba a importância da participação e de fazer parte desse processo que não é uma coisa instantânea.

4.1.2 Gabriele Caroline Souza

Gabriele Caroline Souza, 20 anos, é uma das jovens que trabalha no projeto “De olho na Quebrada”, também é frequentadora antiga do CEU Heliópolis, participou de várias atividades no espaço com seu ex-grupo de dança de rua “*Street Snaker*”. Em virtude disso, foi a jovem que me acompanhou na apresentação final deste trabalho na IV CONANE – Caiçara.

Em 19 de janeiro de 2020, Gabriele nos cedeu esta entrevista em São Paulo, transcrevemo-la abaixo porque julgamos serem pertinentes para se entender as juventudes de Heliópolis atualmente.

Laila: Meu trabalho é sobre juventude. Então eu queria conversar com você sobre isso e também sobre educação, porque o curso que eu estou fazendo se chama Alternativas para Nova Educação. Então queria saber o que você pensa sobre o assunto, sobre jovens em geral.

Gabriele: *O que eu acho sobre a juventude é que é o futuro, né? Se a gente não investir na juventude agora, que tá precisando, já que estão todos muito avoados, não falo só aqui, onde a gente mora, eu falo no geral, de todas as classes também, porque quem não tem uma internet, fica na rua fazendo nada, não tem vontade de fazer nada, e quem tem oportunidade de fazer tudo, está no celular, fazendo nada. Então acho que a juventude tem que acordar. Só que a gente ainda não sabe um jeito de conseguir acordá-la, porque parece que está todo mundo “o que está acontecendo?” Os jovens não estão se ligando na potência que vai tomar as coisas que estão acontecendo agora, para eles lá na frente.*

L: E você como jovem o que falaria para uma pessoa adulta? O que você acha que é importante que os adultos ouçam?

G: *Que o jovem sabe que ele tem que ter responsabilidade, que ele tem que ser autônomo, sabe que ele tem que focar no que ele quer, mas que o jovem também está em processo. O adulto também tem que entender que na juventude não é fácil de entender as coisas. Às vezes uma coisa que o adulto sente que é pequenininho, na sua juventude ele sentiu muito forte, porque é um turbilhão, na juventude vem tudo de uma vez, é muita coisa para o jovem. E por mais que a pessoa queira ser alguém melhor, às vezes o que ele está sentindo não ajuda nisso.*

Aí vem o lance da depressão, têm muitos jovens com depressão, mas não é culpa da depressão, é culpa da ansiedade deles, da pressão de estar trabalhando, de estar na faculdade com 20 anos. É muita pressão em cima do jovem. Os pais ficam colocando muita pressão, porque eles acham que é igual na época deles, mas não é. É diferente agora, eu acho que os jovens estão se descobrindo mais agora. Antigamente eles não queriam se descobrir, só ver o que serve.

Hoje em dia, o jovem sabe o que é o padrão da sociedade, mas ele não quer viver o padrão, ele quer viver o que ele quer ser, ser visto como ele quer. E ele vai brigar por isso e às vezes os pais não sabem lidar com isso porque eles vivem na

bolha. É muito difícil você abrir a cabeça de uma pessoa adulta que não quer entender o que que é agora, o que tá acontecendo. Mas eu falaria isso, que tudo tem seu tempo. O jovem, ele vai crescer. Ele vai deixar de ser jovem.

L: E você acha que a depressão é um problema sério que está acontecendo com o jovem?

G: *Eu acho, mas não só com jovens, tem muito em outros também. Mas eu acho que é mais a questão da ansiedade mesmo, muita pressão em cima do jovem, porque ele é cobrado na escola, ele é cobrado em casa, pelos amigos, ele é cobrado por todo mundo a todo momento. E aí ele não sabe lidar, na maioria das vezes.*

L: Você acha que ele é cobrado para fazer o quê? Para ser o quê? Dá um exemplo de cobrança.

G: *É o que a sociedade impõe, aos 17 você tem que estar terminando o Ensino Médio e você já tem que estar fazendo um curso profissionalizante e depois você já tem que entrar como Jovem Aprendiz, e você já tem que ter um trabalho registrado aos 20, estar morando sozinho, sei lá, é uma coisa que eu vejo, a sociedade pede isso.*

Minha mãe já fala: “20 anos tem que viver sua vida”. O jovem fez 18, já era, acabou, tem que viver por ele, porque ele já sente a pressão. A mãe já fala: “você tem que viver por você agora”, porque ela já sabe que ela já fez a parte dela. Acho que é essa pressão de decepcionar as pessoas que estão apostando neles. E aí, às vezes, por ficar mal por uma coisinha pequena, ele já acha que não vai conseguir fazer mais nada e aí vem o negócio do turbilhão de emoções do jovem, que existe muito.

L: Você acha que os jovens têm um turbilhão de emoções? Como assim, me explica?

G: *É porque o jovem faz tempestade em copo d'água. [risos] Quando ele não consegue fazer alguma coisa que ele quer muito, ele já acha o fim do mundo. Se ele não conseguir fazer, ele vai morrer, vai chorar, mas depois no outro dia ele já está*

feliz de novo. É muito bipolar, esse lance de sentir, é muito 8 ou 80. Ou ele liga muito para uma coisa ou ele não liga.

L: Você falou que a escola também cobra muito dos jovens. Que tipo de cobrança escola faz?

G: Cobra que todos sejam do jeito que eles querem, porque eu acho que a educação é muito boa para o jovem, mas não acho que o jeito da escola seja bom para o jovem. Eu não concordo com o jeito que escola é. O jeito que eles querem que a gente seja, nós somos tratados como quantidade na escola, não como pessoas. A gente é número na escola, então às vezes para os coordenadores vale mais alunos na escola do que melhores notas na escola. A escola é um padrão muito anarquista...

L: Em que sentido? Explica isso melhor, o que você está chamando de padrão anarquista?

G: Eu vejo como uma fábrica de robôs. Eles querem que todos sejam iguais, mas agora que os professores estão ficando cansados, esgotados, porque os alunos não querem mais, por exemplo, usar uniforme todo dia, às vezes tem escola que não aceita entrar sem uniforme, né? Ou às vezes ficar dentro da sala todo dia. Aí tem aula vaga, não pode sair da sala. O jovem não vai querer ficar na sala sem fazer nada, sem ninguém lá, ele vai sair para o corredor mesmo, ele vai bagunçar, ele está no tédio. Por que ele não sairia? Mas eu acho que a escola deveria abrir mais dinâmicas, fazer uma coisa mais a cara do aluno mesmo, porque a gente não é robozinho, nem todo mundo gosta de aprender do jeito que eles querem me ensinar. E vai muito do professor também eu acho.

Qualquer matéria pode encantar você, mas se o professor não tiver a mesma sintonia, se ele não quer ensinar de bom grado, não faz sentido. Muitas vezes eu não gostei de matérias por causa de professores.

L: E o contrário? Um professor que você curtiu muito, que coisas que ele fazia?

G: Ele era mais aberto com as falas, sabe? Ele procurava saber o que cada um sentia, o que cada um gostava de fazer e ele colocava debates em sala, colocava assuntos que ele sabia que o jovem vai falar. Por mais que ele não esteja nem interessado, mas ele vai querer dar opinião dele porque ele vai ouvir alguma coisa que ele vai se indignar. Todo mundo tem muita opinião diferente, vai chegar uma hora que ele vai escutar uma coisa e falar "não, não é assim" e aí o debate acho que ajuda muito.

Eu acho também que o modo de fazer as aulas, sabe? De perguntar, de querer sempre mostrar para o aluno que ele sabe, que às vezes o aluno sabe, mas ele não tem vontade de mostrar que ele sabe. Muita gente sabe a resposta, mas não quer levantar a mão para falar. "Tanto faz, eu já sei mesmo". O professor tem que instigar o aluno, querendo ou não. De um jeito ou de outro, vai do professor ser o mais criativo que ele pode ser.

L: Bom, conta um pouco do seu projeto?

G: A gente trabalha com duas vertentes, a memória e os dados da quebrada. A gente fez levantamento a partir de temas como baile funk, educação, violência policial aqui dentro, internet: porque é a gente não conseguir internet de fibra dentro, só em volta, né? E a gente também fez um mapeamento dos comércios e por núcleos. Só em um núcleo, que é um dos maiores, tem uns 300 comércios e tem uns 200 e poucos outros tipos de serviços, como ferro velho, manicure...

L: E você nesse projeto está responsável por fazer o que?

G: Eu faço de tudo um pouco. Todos nós fazemos de tudo um pouco, a gente reveza muito bem, mas eu tive a iniciativa de fazer o levantamento dos dados dos bailes funk, que até então é um tabu para todo mundo. O baile funk é uma coisa que não é aceita por todos, até pela minha instituição, mas aí eu achei muito importante eu trabalhar com esses dados, porque tem que mostrar que é muito importante, porque querendo ou não é uma coisa que movimenta o lugar que a gente está. Movimenta tanto empreendedorismo das pessoas que moram aqui, quanto na vida de pessoas que vem de outros estados até falam "nossa, eu quero ir". O pessoal daqui vê como nada. Talvez se a gente pudesse potencializar de alguma maneira diferente, talvez

não seria visto de uma maneira ruim, porque querendo ou não, o tráfico acontece em todos os lugares, não é só na favela. Às vezes tem muito mais droga numa rave, que só vai gente que tem muita grana, do que na favela.

L: Por que você acha que o baile funk é tão mal visto?

G: Por conta do tráfico e por conta de ser na quebrada. Sempre vai ter um preconceito com a favela, com o jovem favelado, periférico. Mesmo que eu não seja negra, mas se eu falar que eu sou da favela, no Morumbi as pessoas vão me olhar de um jeito diferente. Elas vão olhar, porque desde pequenas elas já são acostumadas a não se misturar, sabe? Vem da criação mesmo e do que a sociedade vem criando. Já é um padrão. O rico já cria o filho dele para não andar com pessoas pobres. Muitos deles, não generalizo. E o pobre já é ensinado a não "pagar simpatia para o boy". Por mais que você passe necessidade, você não vai ficar pedindo as coisas para uma pessoa que não te vê como pessoa.

L: Eu já reparei, com alguns dos jovens que eu já conversei, parece que reproduzem o mesmo discurso em um baile funk que alguns adultos, que é um discurso preconceituoso. Daí de repente você vai conversando um pouco mais, fazendo uma amizade e você descobre que o mesmo jovem vai no baile funk. Por que você acha que essas coisas acontecem? Isso é real, né? Não é só uma coisa que aconteceu comigo? Às vezes o cara prefere até esconder que ele vai?

G: É porque assim, às vezes o jovem até vai escondido porque a mãe não gosta, o pai não gosta, mas é o que temos de lazer na favela. À noite, na favela, o que você tem para fazer? Nada. Tem o baile, é o nosso jeito de se divertir e não começou agora. É uma coisa que vem da cultura da favela. O pobre faz uma festa, ele gosta de fazer uma festa, ele consegue ter um dinheiro a mais, ele gosta de se divertir, de falar "também posso me divertir", e o baile é onde todo mundo vai se divertir numa boa, se sentindo confortável, sem se sentir criticado por alguém. Claro que tem seus defeitos, como todos os lugares, mas acho que o baile funk também tem muita coisa boa, não só coisa ruim. Tudo tem seu lado bom e ruim.

L: E o que você acha que são as coisas boas e as coisas ruins que têm no baile?

G: Das coisas boas, eu acho que é o pessoal se conhecer, uma forma de contato, o pessoal dançar, se divertir, o pessoal paquera muito, se diverte, dança. É o que gosta de ser, fazer o que quiser sem preocupação. As coisas ruins são não respeitar os moradores. Eu acho que isso deveria ser arrumado e o assédio também, às vezes. E a polícia, né? É muito ruim, você está lá se divertindo, você sai para curtir com seus amigos e aí, do nada, começa a vir um monte de bomba na sua cara e policial te batendo. Não é legal. Você sai para se divertir e tem que sair correndo, se machucar, se sujar.

L: Isso acontece?

G: Muitas vezes. Muuuitas vezes... E os policiais estão vindo agora muito mais pesado. Estão vindo bater mesmo. Não estão nem aí se é homem, se é mulher, se é idoso, se é criança. Eles não estão nem aí. Simplesmente estão batendo em todo mundo.

L: Por que você acha que isso está acontecendo?

G: Eu acho que as pessoas estão sentindo a potência que a favela pode tomar e querem breçar isso agora. Querem cortar "o bem" pela raiz. Não é nem o mal pela raiz, é o bem pela raiz. Ninguém quer que favelado seja empoderado. Porque se você ensina um jovem favelado a ser esperto o suficiente e fala que ele tem capacidade suficiente, tanto quanto um jovem rico, tá ligado? Já era, porque uma pessoa que cresceu na favela e que sabe o que é passar dificuldade, ela tem muita força para ela conseguir o que ela quiser. Mas aí eles não querem que isso aconteça, porque se nós jovens da quebrada pudéssemos ter tanta voz quanto eles, eu acho que estaria muita coisa diferente. Porque o jovem da quebrada, ele sabe reconhecer o que são necessidades mesmo. Não pessoas que estão lá em cima as necessidades deles vão totalmente diferente das nossas. Para eles, cultura não é porra nenhuma. Uma coisa que a gente não gosta é esquecer o valor da cultura.

L: Qual que você acha que é? Por que você acha que ela é muito valiosa?

G: Ela é alta, a cultura é a essência do ser humano. Todo ser humano tem cultura, por mais que ele não veja isso, ele vem de uma cultura, ele vem de uma coisa muito maior. O ser humano é só uma ferramenta para alimentar a cultura.

L: Você acha que o funk é uma forma de cultura? O estilo musical, eu estou falando, não o baile.

G: O funk mudou muito de uns anos para cá, mas acredito que sim. É que o modo como ele está sendo feito agora, com uma linguagem muito mais pesada, muito mais machista, muito mais escrachado assim na cara de todo mundo mesmo, quebrando o tabu e não estão nem aí. Mas o funk, a batida, você pode pegar qualquer música de funk que você tire a letra, a batida vai te envolver, vai fazer você dançar. Por mais que você não goste de funk, você vai se mexer. Eu acho que o funk é muito bom. Ele é uma fonte sim de cultura, é uma das vozes mais potencializadoras da quebrada.

L: Você gosta de funk?

G: Muito.

L: Fala um funk que você gosta

G: Um funk que eu gosto?

L: É, não precisa cantar. Fala a letra para mim, ou se quiser cantar, pode cantar.

G: Não vou cantar não. Olha, o Baile do Helipa é da hora, esse que estourou. "É no baile do Helipa, que eu arranjei uma treta", mas não é uma treta no sentido ruim, é uma ficada.

L: O baile do Helipa daqui é um dos maiores de São Paulo, né?

G: Sim, ele é um dos maiores. Hoje em dia ele não é tão grande assim. Eu fiz um levantamento: antigamente tinha vários bailes, mas hoje em dia, por conta da

pressão policial, só tem um baile. O baile que acontecia em várias ruas no mesmo dia, hoje em dia acontece em uma rua só. Eles estão pressionando muito a favela, para fazer em lugares fechados, tipo tabacarias, para não ficar na rua.

L: E você acha que funciona? O que você pensa como solução para essas partes ruins que tem no baile?

G: Talvez se tivesse um acordo de horários, de pegar um espaço aqui na quebrada que não tivesse tanta casa, porque tem espaço que tem terreno vazio, e marcasse algum um evento e um horário de começo e final, porque aí as pessoas já estariam avisadas. Às vezes, as pessoas precisam trabalhar no dia seguinte e o baile está lá. A pessoa dormiu, acordou, está saindo pra trabalhar, e o baile está lá, o pessoal está curtindo, não vai embora. Só vai embora quando acabar tudo o que eles têm. Eles não vão embora enquanto não acabar a diversão deles. Eu acho que é isso, se tivesse um acordo de horários e local. Porque querendo ou não o tráfico vai se movimentar de qualquer jeito. A gente pode colocar o baile funk lá no Morumbi, que vai ter droga sim.

L: Vamos voltar no assunto da escola. Você acha que os professores estão cansados. Você acha que eles estão cansados porque os jovens estão ou são meio desobedientes?

G: O jovem está desinteressado, eu não sei o que está acontecendo, eles estão ficando revoltados também e já muito novos. Não sei se é porque os pais já não querem mais, estão cansados, já desiste, larga de mão. Mas eu acho que vai do jeito que você fala também, é uma questão de você dar limite. Você dá o limite para ele e ele vai passar o limite mesmo. Você me disse que às vezes punição não é maneira de ensinar, mas eu acredito que ele precisa entender que ele não pode fazer. Ele precisa ser punido por aquilo. Senão ele não vai saber que é errado, se você falar "não, eu vou dar uma chance para você", ele vai fazer de novo. Porque ele sabe que ele não vai ser punido, entende? Então eu acho que punição ensina sim. E eu vou bater nessa tecla.

L: Não, tudo bem, a gente pode conversar mais sobre. Eu acho que a punição não ensina, mentira, eu acho que a punição ensina a obedecer.

G: *Sim, mas a educação é obediência.*

L: A educação é obediência? Por que que você acha que educação é obediência?

G: *Porque se você for obediente, você vai ser uma pessoa educada. Tudo nessa vida tem que ser obediente. Se você não for obediente para acordar todo dia e trabalhar com a noção de que "eu preciso disso". Tem que ser obediente, não pode desobedecer a isso. Se seu chefe fala, manda algo, se você desobedecer a aquilo, você não vai ter o que você quer. Então vem do foco. Tem que ser uma pessoa obediente e uma pessoa educada. Através da obediência vem a educação, que você vai entender o que você quer e o que você precisa.*

L: Mas e aquele lance do padrão da sociedade que os jovens não querem mais? Como é que faz com isso?

G: *Aí já não sei, tem que perguntar para o jovem.*

L: Você não é jovem? (Risos)

G: *Eu sou, mas aí você tem que falar com vários. Porque às vezes a minha visão de jovem é bem diferente da deles. Eu tenho 20, se você falar com pessoas de 15 anos, elas vão falar outra coisa, a visão delas é totalmente diferente.*

L: É verdade, você tem razão. Mas eu quero saber sua opinião mesmo.

G: *Eu acho que talvez se achar algum modo de chamar atenção desse jovem. Os jovens estão muito avoados, fica à toa, então está difícil de chamar a atenção deles, porque às vezes eles gostam mas não tem mais vontade de fazer. Aí vai da sua força de vontade e da força de vontade de todos os educadores, quererem mesmo. Tem que querer. Se você é uma pessoa que trabalha com educação e com jovens tem que querer, porque é difícil.*

L: Eu fiquei com uma impressão de uma coisa que você falou, queria te perguntar sobre isso. Você acha que os adultos estão desinteressados nos jovens, estão desistindo dos jovens?

G: *Sim, eu acho que os adultos estão vendo os jovens como vagabundo. Os jovens estão morrendo e estão ficando os velhos, sabe? Estão ficando os adultos e os jovens estão morrendo, está ficando sem vontade de fazer nada, está ficando cinza. Eu acho que os adultos estão fechando os olhos para o que realmente é, quando eles estavam nessa fase, eles também sentiam o que os jovens sentem. Então eles têm que parar para ver que às vezes que se você sentar com alguém, com um jovem, que tá com um problema e ele falar o que que aconteceu, você vai falar a solução para ele. Mas ele vai falar, não é assim. Você vai achar que ele não quis te escutar, mas ele escutou o que você falou, mas ele acha que ele não tem força para isso. Então você tem que procurar outra maneira de mostrar para ele que ele tem força para isso. Não é só dar a solução, mas às vezes é você dar a força para ele chegar na solução disso. Eu acho que vai disso, o jovem precisa de apoio porque se ele não tiver apoio, ele não vai saber que ele é capaz.*

L: Está faltando apoio, né? Parece, pelo que você está dizendo.

G: *Dos adultos sim. Porque o jovem apoiando o jovem, querendo ou não os dois estão iguais. Então às vezes para o jovem vale muito mais uma força de uma pessoa que é mais velha, mais vivida, do que de uma pessoa que é jovem. O adulto já passou pela fase que ele passou. O adulto chega para ele e fala "vai passar", você vai passar, porque o adulto está ali e ele passou, mano. Então tudo passa, uma hora ou outra vai passar. Você precisa mostrar para o jovem isso porque ele não está sabendo lidar com isso.*

L: Última pergunta. O que você acha que seria uma escola ideal, vamos dizer que você tem o poder absoluto de fazer a escola dos seus sonhos, como que ela seria?

G: *Ela seria o mais confortante possível para qualquer tipo de pessoa. Eu acho que o jovem tem que ter o direito de se expressar em qualquer momento. Seja no andar dele, na roupa dele ou no jeito como ele escreve, como ele canta ou fala. Eu acho*

que deveria ser dada mais importância ao que o jovem sente e não ao que ele faz. Se a escola fosse talvez mais protetora no lado pessoal do aluno e não no que eles querem que o aluno seja.

Não é só matéria, sabe? São seres humanos, tem que saber se eles tão bem para aprender a matéria. Às vezes ele não tem cabeça para aprender. O aluno precisa estar tranquilo para conseguir aprender. A escola deveria dar muito mais atenção para os alunos no nível pessoal, não só nas matérias. Talvez se tivesse psicólogo para todos os alunos, um acompanhamento do que eles estão passando e vivendo. Não só quando eles procuram, mas frequentemente, às vezes a pessoa não fala nada, mas ela está sentindo tudo. Tanta gente que se mata aí e ninguém sabia que a pessoa estava triste. Às vezes, assim, na escola, tem muito disso. Na minha escola, era só até a sétima série e tinha aluno se cortando, sabe? E a escola não fazia nada, chamava o pai, e a criança ia embora. A escola tem que dar um acompanhamento, não é só matéria, português, matemática, não é só isso. Vai além. O aluno não é número. Já briguei na escola por isso, briguei com a coordenadora. Todos os alunos ali eram pessoas, não eram números.

L: Por que você estava brigando com ele?

G: Porque ele agrediu um aluno da minha sala. E aí ele chamou a polícia e tal e ele começou a gravar a gente com o celular. Só que eu já pesquisei nas leis, ele não pode gravar do celular dele. O aluno só pode ser gravado se ele tiver uma câmera na escola. Não pode porque todos são de menor. Ele não tem uma autorização para pegar as imagens de todos os alunos. E aí a gente começou a brigar com ele. Eu falei para ele que não era assim porque eu era líder do grêmio e ele não concordou com nada. Porque eu confrontei ele na frente de todas as pessoas, eu que fui contra todos os conceitos da escola e aí depois disso eu saí do grêmio, enfim.

L: Mas ele te expulsou do grêmio?

G: Não, mas ele me repetiu de ano.

L: Mas você acha que ele te puniu?

G: Eu acho que sim, mas eu acho que ele foi muito mais punido porque tudo que os alunos não falaram para ele, eu falei naquele dia. Porque eu conhecia meus direitos e falei na frente de todos os professores e todos eles ficaram de acordo comigo, mas eles não podiam fazer nada. Porque eles estão abaixo dele, então eles ficaram quietos. Mas eu acho que o que eu precisava falar eu falei e eu acho que a vida vai devolver. Porque se ele é um coordenador de uma escola ele precisa ter conceitos muito... Sabe? Ele tem que rever seus conceitos toda hora porque ele trabalha com jovem. Ele trabalha com criança também, ele não pode fazer o que ele fez, de agredir um aluno. Por mais impaciente que ele esteja.

L: Ele agrediu um aluno?

G: É, ele empurrou um menino no armário. Por mais impaciente que ele esteja, ele não pode fazer isso. Depois que eu falei aquilo tudo, os alunos começaram a ver ele de outro modo. Porque ele começou a tirar tudo que a gente tinha, por raiva da gente. Simplesmente por nós termos ficado contra o que ele queria. Então ele cortou muita coisa, o festival de dança, ele tirou as aulas vagas e a gente não descia mais para a quadra. Quando a gente descia para a quadra não tinha bola, não tinha nada. Foi tirando aos poucos. E aí todo mundo foi vendo quem ele era, porque ele não estava fazendo pelos alunos. Ele estava fazendo pela visão que a secretaria ia ter dele como coordenador da escola.

L: Ou seja, ele não era um educador, né?

G: É! E ele ainda estava com um cargo lá em cima na escola. Sempre falava “é minha escola!”. Mas nunca falava dos alunos. E uma escola tem uma potência muito grande, porque tem muito jovem. É só você saber usar. Acho que é isso.

4.1.3 Luan Gonçalves Teles de Menezes

Luan Gonçalves, 16 anos, é um jovem atuante em diversos projetos da comunidade: faz teatro, dança, canta e já fez parte da comissão mediadora de estudantes da EMEF Pres. Campos Salles. Em 2019, viajou com a delegação de Heliópolis representando a escola onde estudou no 5º Encontro Nossa América

(ENA) em La Serena, no Chile. Em 17 de maio de 2019, nos cedeu uma entrevista, em São Paulo, que transcrevemos abaixo.

Laila: Como foi a viagem ao Chile para você?

Luan: É muito louco você sair do seu país e pensar que você está sozinho, eu nunca imaginei que em outro país eu ia encontrar pessoas de países diferentes que complementam aquilo que a gente já tinha como ideia. Onde no mundo eu ia pensar que a 5mil km de casa eu ia encontrar algo que iria me complementar? Aí eu acredito que o que a gente passou lá no Chile com os jovens e com a troca de cultura, só me dá mais forças para continuar. Porque muitas vezes a gente pensa “ah, mas será que vai dar certo isso que a gente está fazendo? Será que é um projeto bacana?” e aí a gente chega e vem outras pessoas que estão fazendo as mesmas coisas falando “dá certo! Olha a gente aqui fazendo também”. E a questão pessoal, porque a gente aprende tanta coisa! Às vezes até sem querer, um aprende com o outro e fortalece mais a coisa que eles também têm na escola deles que cada um pode ensinar, que todo mundo ensina todo mundo.

Laila: Se você fosse fazer um resumo dessa educação que uniu esse grupo de jovens, que coisas você colocaria nesse caldeirão?

Luan: Amor... Amizade... Lealdade... Autonomia... E a Solidariedade, porque eles tão a todo momento preocupados uns com os outros. Eu recebi uns três cachecóis, a cada momento que eu falava que estava com frio, eles me ofereciam, perguntavam se estava tudo bem.

E também, todos eles, cada grupo de uma escola, falaram que eles têm uma amizade muito grande com os professores, eles não têm uma relação tipo faculdade de 1998 que o professor fica num podium e os alunos ficam abaixo justamente para mostrar essa superioridade. Mas eles estavam sempre falando que o aluno e o professor estavam ali em pé de igualdade. Tudo bem que o professor tinha um nível acadêmico mais elevado, mas ao mesmo tempo que o professor ensinava, o professor aprendia, tanto academicamente, quanto pessoalmente. E é o que a gente tem aqui.

Tanto que depois de migrar mais um vez pro famoso ensino tradicional e tudo o mais, é algo que eu sinto diferença porque aqui na Campos Salles eu não tinha o costume de chamar os professores de “professor” ou “professora”, a gente tinha uma amizade tão grande com o outro, chamava pelo nome, ou um apelido carinhoso, às vezes chamava brincando, e é algo que a gente não encontra na escola de método tradicional. Os professores vão lá, dão a aula deles e vão embora. É terminantemente proibido chamar o professor pelo nome. Talvez “professor e o nome”, tanto que nos primeiros dias todos eles me olharam feio, porque eu não tenho esse costume. Por mais que o nível acadêmico seja maior, todo mundo vai aprender com todo mundo, não interessa a seu nível acadêmico, você pode ensinar ao mesmo tempo que está sendo ensinado. E eles me mostraram que não, mais uma vez me mostraram que a gente não está sozinho. Os ideais são os mesmos, e dá certo.

Laila: Só ouvir você falar já prova que dá certo, que vem dando. Claro que tem um mérito que é todo seu também. Você se coloca, você se faz também, você aproveitou. Mas pensando dentro dessa nossa filosofia, que eu compartilho e concordo totalmente com você, e pensando no ENA, no grupo de jovens, se vocês fossem pensar: para que serve a escola se todo mundo aprende? Para que serve o professor? O que faz uma escola ser uma escola e não um espaço como qualquer outro?

Luan: Uma coisa que foi muito dita lá, que é algo que eu já carrego comigo há muito tempo, a escola são as pessoas. O professor é a escola, o aluno é a escola, o diretor, a coordenação é a escola. Porque o local em si é só um prédio. Porque na verdade a gente costuma dizer que a vida é uma escola, e é mesmo, mas a vida nos ensina valores morais enquanto a escola nos ensina valores morais e acadêmicos.

Laila: Esse lance da vida ser uma escola, vamos pensar um pouco mais sobre isso, que que isso significa?

Luan: É porque a todo momento a gente aprende. Seja algo que a gente vai usar no vestibular, seja algo que você vai levar para sua vida como uma lição, algo que a qualquer momento você está em um problema, apuros e aí você lembra que

aprendeu tal coisa. Seja desde como tratar uma pessoa, até como caminhar. Eu costumo dizer que a mesma educação que a gente usa na escola a gente usa no supermercado. A gente usa da educação em todas as situações da nossa vida, ou pelo menos eu espero que as pessoas façam isso. E a gente está sempre aprendendo com todas as pessoas um pouquinho mais do que a gente já sabe, e ao mesmo tempo ensinando, porque novas experiências sempre vem para ensinar algo ou fazer com que a gente ensine algo. Eu pelo menos acredito que tudo que acontece na nossa vida é para nos ensinar algo

Laila: A gente está sempre aprendendo. Não só dentro da escola. Mas tem coisa que a gente só aprende na escola né? Por exemplo, a ler, a escrever, que mais?

Luan: Uhum... Na verdade não, porque eu aprendi a ler dentro de um ônibus.

Laila: Ah é? Como é que foi?

Luan: Eu estava na segunda série e eu não conseguia ler de jeito nenhum, porque eu sempre tive um ritmo mais devagarzinho assim, só que a professora “metia o pau” porque os outros alunos, tirando eu, estavam super ok, todos eles já liam e escreviam e eu nada. E aí eu lembro que eu chegava em casa e tentava ler a embalagem de arroz, de xampu e não conseguia. Um dia a gente estava no ônibus, um daqueles enormes que tem degraus, e tinha um aviso escrito “cuidado degrau”. E foi uma viagem de uns 20/30 minutos e a viagem inteira eu fiquei tentando juntar sílaba com sílaba e no final quando a gente foi descer eu olhei e falei “cuidado degrau”. Minha mãe olhou para o meu pai, meu pai olhou para a minha mãe e foi uma festa dentro do ônibus. No dia seguinte, eu cheguei na escola e minha mãe falou pra professora “o Luan aprendeu a ler ontem dentro do ônibus”, e mais uma vez mostra que todas as coisas que acontecem na nossa vida é para nos ensinar algo...

Laila: Então a primeira coisa que você aprendeu a ler na vida foi “cuidado degrau”?

Luan: Foi, maravilhoso. E o melhor é que a primeira palavra que eu li foi “cuidado” e hoje em dia, cuidado nenhum...

Laila: Como assim?!

Luan: Ah... Muitas coisas...

Laila: Deixa para lá, depois a gente desliga você me conta... Vocês fizeram uma atividade pelo que eu vi na programação, sobre a escola dos sonhos de vocês. Como é a escola dos sonhos de vocês?

Luan: A gente falou bastante sobre a escola utópica...

Laila: O que que é uma escola utópica? O que é Utopia para vocês?

Luan: Eu acredito que a utopia é aquele ponto de perfeição. Se não a perfeição, o ideal, tudo perfeito, funcionando de acordo, nada dá errado. A gente falou bastante sobre essa escola utópica, a gente se perguntou como seria uma escola utópica, e saíram várias questões, que eu nem me lembro, mas das poucas coisas que eu lembro é que bastante gente falou e que a escola utópica é com mais igualdade, mais direto de escolha. Mas eu acredito que a escola utópica que a gente estava falando, não é a escola utópica que a gente queria para a gente, porque se a gente for parar para pensar, a gente já tem uma escola utópica. Mas eu acredito que não era uma escola utópica para o grupo do ENA, mas uma escola utópica para todos, no geral...

Laila: O sonho de vocês não era só para aquele grupo que estava lá, era um sonho para toda a sociedade, é isso?

Luan: Isso, que todas as escolas fossem daquele jeito. Tanto que eu escrevi nos outros dois cartazes, mas quando chegou no da escola utópica eu pensei “cara, que mais eu quero?”

Laila: E por que que você acha que autonomia é uma questão tão importante para os jovens no que se refere à escola? Porque autonomia não é uma coisa que ninguém te dá, é uma coisa que você tem já, né? E os jovens, adolescentes, pelo menos a minha adolescência foi assim, quando eu fiz 15 anos eu ganhei o mundo. A

gente as vezes apronta, mente para os pais, fala que vai ali e vai acolá porque sabe que os pais não vão deixar, e a gente vai pra rua, a gente consegue andar na rua sozinho sem se colocar em perigo, porque as crianças às vezes não tem autonomia para isso. Por que na escola você acha que é tão importante para os jovens ter autonomia? E você acha que isso é uma questão só do Brasil, só de Heliópolis, ou da América Latina?

Luan: Eu acredito que a autonomia como você disse, ela já nasce com a gente, mas autonomia é como um dom, se você recebe aquele dom, mas você não pratica, ele não vai se desenvolver. E hoje em dia o lugar onde, eu acredito pelo menos, que é o lugar perfeito para desenvolver autonomia é na escola, porque assim, na vida a gente já desenvolve autonomia por si só. Por exemplo, quando a gente tem 12/13 anos, a gente já escolhe a própria roupa, a gente escolhe o que a gente quer comer, o horário que a gente quer tomar banho, eu espero que todo dia. E na escola, hoje em dia, os jovens, não só os jovens, mas é muito comum que alguém mais velho venha e escolha por você aquilo que é melhor para você, e você vai lá, faz isso, e muitas vezes você não sabe nem por que você está fazendo aquilo.

Porque numa escola você tem duas opções, ou você implanta um método de que o professor, a coordenação e o diretor ou diretora vão escolher tudo que o aluno vai fazer, o aluno vai virar a famosa “vaca de presépio”, e vai ficar só obedecendo ordem, e nunca vai ter responsabilidade, autonomia para escolher para ele mesmo. Ele sempre vai esperar que alguém escolha para ele o que ele tem que fazer, para onde ele vai. E o outro método, que você tem o professor, a coordenação, o diretor e a diretora e todos escolhem conjuntamente. Os mais velhos por já terem uma noção acadêmica maior e os estudantes por acreditarem e pela realidade de que cada um sabe o que é melhor para si, então quando a escola, somente a escola, escolhe sempre pelo aluno o que ele vai fazer, o que ele vai estudar, porque ele vai estudar e limita todo o conhecimento acadêmico só em uma coisa, o estudante vira uma pessoa limitada porque ele sempre vai estar esperando que alguém mande ele fazer alguma coisa, sempre esperando uma ordem, que deem algo para fazer. E eu acredito que isso não seja uma pessoa autônoma, porque uma pessoa autônoma ela vai e faz, mete a cara e se der certo deu, se não der certo a gente tenta de novo até dar certo. E eu acho que isso seja algo que não existe em todas as escolas. Por exemplo, o professor dá um trabalho, e antigamente o professor falava “o trabalho

vai ser assim, assim, assado”, agora é “você tem que falar disso” e o modo como você vai apresentar, se você vai fazer um slide, seminário, roda de conversa, debate, é você que escolhe. Então eu acredito que autonomia vem dentro da escola nesses sentidos que podem parecer nada. E eu acredito, não só eu, mas todas as pessoas que estavam lá, acredito que seja algo importante.

Laila: O saber acadêmico, essa coisa que a gente aprende na escola, na faculdade, esses saberes que o professor tem mais experiência porque ele fez faculdade. Você acha que isso ajuda a ter mais autonomia ou atrapalha? Atrapalha as pessoas a desenvolverem sua própria autonomia. Nesse sentido que você está falando. Que é um sentido que eu concordo, eu falaria com outras palavras, mas para mim autonomia é isso que você disse.

Luan: *Eu acredito que depende muito da pessoa. Porque tem pessoas que fazem “control c control v” na mente e depois faz o “control c control v” na mente de outra pessoa e assim vai, e tem a pessoa que entende, busca a fundo e consegue explicar de outro jeito, e ao mesmo tempo que consegue explicar de outro jeito ela faz com que outras pessoas consigam buscar de outro jeito. Explicar de outro jeito que é a questão da descolonização, eu acredito. Normalmente quando as pessoas são ensinadas de um jeito, até pra dar um exemplo, se eu falar, sei lá, subtração, “Joãozinho tinha três laranjas e aí Joãozinho deu uma laranja para Maria, com quantas laranjas Joãozinho ficou? Joãozinho ficou com duas laranjas” e aí você vai explicar isso para outra pessoa, “Joãozinho tinha três laranjas” e isso é o método colonizado. O método da descolonização é você me falar das laranjas e eu falar “beleza, deixa eu te ensinar subtração, eu tinha um real...” Conseguir achar outros métodos de ensinar a mesma coisa, que vai dar no mesmo.*

O que eu acredito, por exemplo, são as lutas sociais, porque por mais que hoje em dia tenha a divisão entre as lutas sociais, todas elas estão buscando a mesma coisa, que é igualdade. O movimento LGBT, movimento feminista... E eu acredito que quando é ensinado para gente de um jeito a gente precisa ir a fundo para não ficar preso àquilo e aquilo acabar nos atrapalhando, porque cada pessoa é diferente e cada ser entende uma informação de jeito diferente, então acredito que uma pessoa quando ela vai ensinar algo ela tem que ter pleno conhecimento daquilo que ela está falando. Porque a limitação muitas vezes atrapalha quem está

aprendendo. Por exemplo, o professor chega na sala e fala “os europeus colonizaram o brasil” pode ser que em um grupo de 30 pessoas, para 10 faça sentido e para as outras 20, não, aí é mais fácil quando a pessoa tem um conhecimento mais vasto daquilo, ela vai sempre achar outras maneiras, porque ela sabe que aquele caminho que ela está fazendo vai dar no mesmo.

Laila: O que eu entendo do que você está falando é um pouco a ideia de que uma educação descolonizadora é uma educação que te ensina a pensar, não te ensina a reproduzir um pensamento, pelo contrário, a produzir pensamentos, e aí diante dos desafios você tem mais poder de escolha, mais autonomia. Eu entendi isso do que você falou e eu concordo plenamente.

Luan: É exatamente isso.

Laila: E vocês conversaram sobre isso lá no ENA jovem?

Luan: Isso não. Isso foi uma das poucas coisas que a gente não conversou.

Laila: Mas você pensou sobre isso. Essa palavra “descolonização” já povoava seu pensamento? Ou veio por conta de ser uma palavra importante no ENA?

Luan: Assim, o pensamento em si sempre estava aqui, mas eu nunca tinha achado uma palavra exata para defini-lo. E teve uma época que eu falava “para que definir?” Só que depois de ir para o ENA, eu ouvi a palavra “descolonização”, e depois que me explicaram eu pensei “olha, tem a ver com aquilo que eu pensava”

Laila: Quem te explicou?

Luan: O seu professor, eu não sei o nome dele...

Laila: O Valdo? O Valentim?

Luan: Não sei...

Laila: O careca?

Luan: É!

Laila: O Valentim. Você perguntou para ele?

Luan: Não, a gente estava nos grupos e a gente começou a falar de descolonização e os outros dois que eu não lembro o nome...

Laila: Emancipação e transformação.

Luan: Isso. E aí a gente falou bastante sobre descolonização e aí eles explicaram o que era.

Laila: E é muito maluco como isso tem a ver também, estou pensando alto aqui, porque no Brasil a gente aprende que o Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral, que os portugueses vieram pra cá e quase não se fala que a gente passou por um processo de dizimação da população indígena, que a gente passou por quase 400 anos de escravização da população negra, que foi expulsa, sequestrada do seu país de origem, trazida pra cá, misturada com outras populações de outros países do continente africano, enfim, quão violento foi o processo de colonização brasileiro, né? Como se a gente não tivesse sido colonizado porque o nosso processo de independência também foi muito esquisito. Isso é mais uma coisa que a gente tem em comum com os nossos irmãos latino americanos, eles todos passaram por um processo de colonização, por isso que faz sentido descolonizar. Se a gente morasse em Portugal por exemplo, que “descobriu o Brasil”, entre aspas, não faria sentido a gente pensar em descolonizar porque Portugal nunca foi uma colônia. Mas entre nós, lá, faria sentido, porque um processo de colonização é um processo que é uma violência física, mas é uma violência também simbólica, de pensamento. O processo de colonização é tão forte que ele ensina uma população, um país inteiro a pensar como o colonizador. Então a gente descolonizar é também a gente descolonizar o nosso pensamento. A gente não fala na Campos Salles que a gente derruba os muros físicos e vem derrubando os muros simbólicos? Então a gente

também tem que derrubar esse muro. Esse é um muro simbólico. Esses muros não existem de verdade, eles existem na nossa cabeça, nas nossas relações.

Luan: Exatamente. Na escola tradicional fala assim “quem descobriu o Brasil? Teoricamente, Pedro Alvares Cabral” Só que eu acredito que a pergunta está sendo feita há muitos anos da forma errada, porque antes dele, dos povos europeus habitarem o Brasil, os índios já estavam aqui. Então eu acho assim, descobrimento do Brasil, foram os índios, mas a apresentação do Brasil, foram os portugueses.

Laila: Ou a “invasão” né? Porque a gente chama de invasão.

Luan: Exatamente. São coisas completamente distintas. Porque quando você chega e fala “quem foi que fez a comida? Luan ou Laila?” A Laila foi na feira, cortou o tempero, e o Luan só colocou tudo na panela, então quem fez foi o Luan, só que na verdade se a Laila não tivesse feito tudo aquilo, o Luan não teria feito, então na verdade quem fez foi a Laila. O Luan “ajudou”, entre aspas.

Laila: Isso também tem a ver com a forma que a gente organiza o mundo. Por exemplo, se você fosse, dono da panela, dono do gás, das colheres, das facas que eu usei para fazer o preparo todo e você colocar na panela e fazer a comida, e eu vender esse meu trabalho, de cortar as coisas para você fazer a comida, e você vender essa comida, o seu trabalho teria muito mais valor que o meu, porque você é dono de todas essas coisas, é assim que nosso mundo funciona. É o valor das coisas. Por isso que quando a gente fala, eu concordo com você, apesar de o professor ter um conhecimento que o aluno não tem, assim como o aluno tem um conhecimento que o professor não tem, o professor e o aluno estão num lugar horizontal, a gente está falando disso, que não importa o que você faz, como é que é o seu trabalho, quem é você, o que que te forma, que tudo tem o mesmo valor, a mesma importância pro mundo, as vezes o que não é valorizado tem até maior importância.

A gente está conversando aqui, falando de vários conceitos que tem educador que estudou a vida toda. Eu, por exemplo, venho estudando isso há muito tempo. Você traz essa perspectiva de alguém que refletiu sobre isso do ponto de vista de quem viveu isso. Por isso que eu acho que a participação dos jovens no ENA foi tão

importante. Porque sem os jovens, os alunos, os educandos, não tem sentido a gente pensar numa educação alternativa, porque não tem educação se não tiver um educador e um educando, ou pelo menos uma relação. Mas por mais que nós educadores sejamos muito legais, que eu acho que a gente é, e fale de uma educação que é libertária, emancipadora, você lutar pela sua própria autonomia cada vez mais, autonomia nesse sentido que você disse de uma autonomia com responsabilidade, que você toma uma decisão e se responsabiliza pela consequência da sua decisão, sem as pessoas para as quais a gente está pensando essa educação, que vão receber essa educação não faz sentido. A gente aprende, mas na relação com o educando. Eu gosto muito da expressão “trocar ideia”, porque quando a gente troca uma ideia, eu dou um pouquinho da minha ideia para você, você dá um pouquinho das suas ideias para mim e isso vira uma outra coisa. Eu continuo com a minha ideia, mas eu te dei um pouquinho e você também. Às vezes a minha ideia muda, também, então eu acho essa gíria uma metáfora bonita do que que é o diálogo, da gente trocar mesmo, como se eu tivesse uma coisa e te desse e você tivesse uma coisa me desse. Que que você acha? Tem alguma coisa que você quer me perguntar sobre o ENA adulto?

Luan: Como foi?

Laila: Cara, foi muito louco. A princípio eu tive a mesma sensação que você “que que eu estou fazendo aqui?” Porque eles propunham algumas coisas que pareciam uma coisa muito espiritual, muito mística, e para mim o problema da educação é um problema da terra, daqui assim, pé no chão, da relação, da minha relação com você, a questão da educação tem a ver com a relação do aluno X conversando com o professor Y naquele momento, naquele tempo, naquela hora, tem a ver com o projeto de futuro, mas não tem a ver com uma coisa que é transcendente ao corpo. A educação tem que servir pra resolver nossos problemas de agora. Então eu pensei: “ai meu deus, estou perdendo tempo, gastei uma grana para vir para o Chile, não vai servir pra nada”.

Mas depois isso foi mudando, eu tive uma sensação muito parecida com você, de ir achando esses pontos de semelhança e falando “meu Deus eu não estou sozinha!”. É que agora você saiu da Campos Salles, então você deve estar sentindo mais solidão, por exemplo, eu não sei, eu estou aqui, e às vezes eu tenho a

sensação de que a gente vive numa bolha. E eu concordo com você, com vocês jovens: a educação alternativa ou é para todo mundo ou não é alternativa de verdade, não para todo mundo igual, da mesma forma, mas que todo mundo tenha a oportunidade de desenvolver sua autonomia, sua responsabilidade, a solidariedade. Todos esses valores que você falou para mim são importantes, e conhecimento acadêmico também, porque a gente inventa, a gente produz conhecimento para resolver problemas do mundo. Então eles são úteis, a escola tradicional esvazia eles um tanto que parece que são inúteis, mas todo conhecimento, toda coisa que a gente sabe, foi criada com um propósito de resolver uma questão, mesmo que ela seja filosófica, sabe? “De onde a gente veio? Para onde a gente vai? Deus existe?” Enfim, mas fora dessa filosofia, aos pouquinhos, eu fui entendendo que ali também era meu grupo. Porque ainda que eu tenha tido sorte, igual você estudou na Campos Salles, de poder estudar em escolas boas, eu ainda não me percebia como latino-americana, como brasileira e por isso latino-americana, então participar do ENA me ajudou a perceber que nós também somos muito mais latino-americanos do que norte-americanos, que as vezes a gente tem essa mania de achar que a gente é parecido com eles lá e nem conhece nossos vizinhos daqui. Então isso foi uma coisa que eu percebi.

E aprender coisas sobre a história dos países também. Sobre a ditadura chilena, não sabia que Porto Rico era uma colônia ainda, então por isso que descolonização tem um peso ainda maior. Minha filosofia de vida maior é o slogan do Sol da Paz: “A paz é de todos ou não é de ninguém”, então eu não posso me descolonizar sozinha considerando que tem um país que é colônia ainda. E eu gostei muito do jeito que eles inventaram as atividades, porque tinha muita gente, tinha mais de oitenta pessoas e eles inventaram jeitos da gente conversar entre nós que dava para todo mundo falar, porque senão seria uma contradição a gente falar que a gente faz educação alternativa e vai uma pessoa lá na frente falar para todo mundo que a gente não sabe ouvir, não, todo mundo teve oportunidade de trocar ideia e tal e isso foi muito legal.

Gostei também, para mim foi muito importante, essa coisa do compromisso que vai além da conversa: “então o que que a gente vai fazer pra mudar isso?” Essa parte que é o outro valor da ENA, da transformação, é isso, a gente quer descolonizar, a gente quer se emancipar, como? O que que a gente vai fazer? Então quando a gente traçou os compromissos, a gente teve mais de uma hora livre

“façam aí o que vocês quiserem, no final tem que sair pelo menos um compromisso” que é uma questão de autonomia, podia não ter saído nada, eu fiquei até com medo, falei “meu Deus e agora o que eu vou fazer?” Eu achei que eu não ia conseguir fazer compromisso nenhum. Enfim, foi muito legal, essa coisa dos compromissos para mim foi muito bacana, foram esses os aprendizados que eu tive, sabe?

Luan: Isso. Conversando com a família em que eu fiquei hospedado, eles apresentaram para gente situações bastante parecidas com a do Brasil, que foram as situações que a gente encontrou lá, que os indígenas mostraram para gente, que assim, eles renegam as raízes, que é o que acontece até hoje no Brasil. Porque assim, tem gente que não é descendente de índio, mas eu por exemplo sou, minha tataravó era índia, índia mesmo, morava no meio do mato e é algo que eu, pelo menos, nunca parei pra pensar, o Chile também foi colonizado, e os indígenas sofreram, a Argentina foi colonizada, o Paraguai foi colonizado e os indígenas sofreram, que era algo que estava muito além dos meus pensamento assim, que nunca passou pela minha cabeça que outros países tinham indígenas habitantes, porque para mim índio era do Brasil e acabou, não tinha mais índio em canto nenhum do mundo. E me fez pensar que a gente não está sozinho nas questões acadêmicas e que a gente também não está sozinho nas lutas sociais. Volta naquilo, que a gente vai para tão longe e encontra as mesmas questões, e a gente percebe que o mundo inteiro sofre do mesmo problema.

5 - O JUNTO E MISTURADO

Em 2019, o PPP do CEU Heliópolis teve como eixo integrador e estruturante de suas ações um Calendário Temático Integrado, que visou mobilizar diversos atores, parceiros, projetos, saberes etc. em torno de datas e temas comuns, buscando articular a comunidade e suas instituições em torno da transformação da favela em um Bairro Educador, contribuindo para a formação de uma rede.

A partir do Calendário Temático Integrado, a gestão do CEU agrupa as práticas que realiza ao longo do ano em diversos processos que têm características próprias. Um destes processos é o “Junto e Misturado” que nasce da tentativa de articular as ações voltadas para a juventude.

Em 2015, em virtude da instalação das praças *Wi-fi* em alguns espaços do CEU Heliópolis, houve um aumento da população adolescente e jovem ocupando esses lugares. Esta ocupação, no entanto, nem sempre era adequada às regras de utilização legitimadas pelo Conselho Gestor do CEU. Por isso, a equipe gestora buscou mediar essa utilização, por um lado conscientizando estes frequentadores sobre as regras de uso e, por outro, descobrindo junto com eles outras formas de ocupação, de maneira que eles pudessem aproveitar melhor as potencialidades que o CEU Heliópolis oferece.

A partir daí, em inúmeras rodas de conversa, motivadas pelas perguntas: Quais são as maneiras possíveis de se divertir nos espaços do CEU sem infringir as regras e a convivência com outros frequentadores? O que é um espaço público? Que outras ações e projetos podemos criar em conjunto para estimular outras formas de uso dos espaços do CEU? O próprio grupo (formado pelos jovens e coordenadores) percebeu que outras formas de ocupação, mais adequadas, já eram realizadas: os jovens também usavam aquele espaço como ponto de encontro para dançar, cantar, ensaiar, andar de skate... Ou seja, havia muita produção cultural acontecendo e essa era uma das grandes ideias de diversão compartilhada por todos e todas que formavam aquele grupo multietário. A partir daí e ao longo dos anos, delinearam-se as ações descritas abaixo e que fizeram parte do escopo de ações no âmbito do curso de especialização “Alternativas para uma Nova Educação”.

5.1 AS AÇÕES

5.1.1 Sarau e Batalha

Aquelas rodas de conversa, então, deram origem à **1ª Mostra de Talentos do CEU Heliópolis**, em 2015, com o objetivo de dar espaço e estrutura às práticas culturais dos jovens. Com uma programação sugerida por eles, envolvendo canto, dança, música, cinema e um campeonato de skate, a mostra mobilizou muitos jovens para sua organização e realização. Além da Mostra de Talentos e microfone aberto, também foi realizada uma Mostra de Cinema.

Ao longo de 2016 outras ações pontuais, momentos de expressão das produções artísticas dos jovens que frequentam o CEU Heliópolis, foram realizadas. Além disso, muitos foram os grupos e coletivos artísticos locais (majoritariamente formados por jovens) que passaram a utilizar outros espaços do CEU para ensaios, mediante reserva e combinados de uso, sempre respeitados pelos adolescentes e jovens. E, assim, uma demanda escondida se descortinou.

Em virtude disso, em 2017, a gestão propôs ao grupo uma ação mais contínua e daí nasceu o **Sarau do Polo**. Realizado uma vez por mês ao longo do ano todo, contou com grande participação e protagonismo dos jovens no seu planejamento, execução e avaliação. Foram realizados, naquele ano, 12 saraus, com cerca de 50 pessoas por encontro. A participação de jovens de outros locais também ocorreu, assim como de outros agentes conectados com a proposta, desde poetas até *crews* (grupos organizados de break).

A retomada do diálogo com a juventude em meados de fevereiro de 2018 apontou o desdobramento do **Sarau do Polo** em uma batalha de rimas, prática muito popular em Heliópolis que envolve a competição entre improvisações cantadas por *rappers* (em torno de um tema ou não) na qual o público vota naquele que mais agradou. Assim o sarau deu lugar à **Batalha do Sol** e junto com ela nasceram também outras jovens lideranças que abarcaram essa nova ação.

Em 2019 a Batalha do Sol se desarticulou, mas, por iniciativa dos próprios jovens, que solicitaram a volta das batalhas, a partir de setembro do mesmo ano deu-se início a agora denominada **Batalha do Polo**, que ocorre desde então todas as últimas quintas-feiras do mês.

5.1.2 Os cursinhos

Paralelamente a estas ações culturais, a gestão do CEU Heliópolis também vinha organizando, desde 2014, o **Cursinho Preparatório para o Vestibulinho da ETEC Heliópolis**. Este projeto nasceu porque, apesar da ETEC Heliópolis estar instalada dentro da comunidade e se tratar de uma instituição pública, muitos estudantes das escolas locais não se sentiam estimulados a prestar o vestibulinho e acabavam desistindo antes mesmo de tentar fazer a prova. Por essa razão, grande parte dos alunos da ETEC vinha de outras regiões da cidade. Por isso, o cursinho tem como objetivo contribuir para o aumento das possibilidades de acesso e permanência nos cursos da ETEC por parte dos estudantes do bairro.

Desde seu início, este projeto se desenrolou a partir de três ações: organização de uma agenda de visitas dos estudantes do 9º ano de escolas de Ensino Fundamental do bairro, o Cursinho que oferecia aulas dos principais conteúdos que caem na prova e uma série de palestras sobre as formas de ingresso e os cursos da ETEC Heliópolis. Estas ações têm força simbólica: os estudantes, ao entrarem nos espaços da ETEC – até então mais ou menos proibidos para eles - e conhecerem seus cursos, seus espaços, sua coordenação e seu modo de funcionamento, começam um processo de identificação daquele local como um espaço público e assim passam a projetá-lo como um lugar também seu, de direito.

Desde então, o Cursinho vem sobrevivendo de diferentes formas: ora se desenvolve graças à contribuição de professores voluntários e alguns parceiros como a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, ora (com incentivo da UNAS) consegue captar recursos capazes de prover uma ajuda de custo para um grupo fixo de educadores e educadoras. Ao longo desses anos, foi possível alcançar mais de 860 jovens e boa parte deles de fato passou na prova. Hoje, por um lado, o Cursinho é uma referência para aqueles que buscam prestar o Vestibulinho da ETEC e, mais importante, a ETEC é uma possibilidade real para grande parte dos adolescentes que estão terminando o Ensino Fundamental.

A partir desta experiência, descortinou-se outra demanda para a realização de um projeto que também apoiasse os jovens e adultos de Heliópolis em relação ao acesso ao Ensino Superior. Sabe-se que o Vestibular e até mesmo o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) são excludentes, e as estatísticas de participação das classes populares nas universidades ainda revelam enorme desigualdade de

oportunidades para os jovens de baixa renda, apesar dos vários avanços conquistados pelos movimentos sociais, como o SISU (Sistema de Seleção Unificada) e as políticas afirmativas.

As tentativas de articulação da gestão do CEU com algumas escolas estaduais de Ensino Médio do entorno, mostraram que uma parte significativa dos estudantes não considera ingressar no ensino superior, principalmente em universidades públicas, talvez porque desconhecem as políticas existentes de democratização do acesso, talvez por não vislumbrar a universidade como possibilidade de projeto de futuro.

Da inquietação e do desejo de transformar essa realidade nasceu o projeto **Helipa na Universidade**, em 2015. Esta ação tinha como principais objetivos aumentar as chances de ingresso dos moradores de Heliópolis nas universidades, principalmente nas públicas e contribuir para uma reflexão sobre os sistemas de seleção e das condições da escola pública básica, especialmente as de ensino médio.

Neste primeiro ano, foi realizado um projeto piloto em parceria com a *Geekie*, *startup* criadora de uma plataforma interativa *online* de estudos voltada para o ENEM, e com alguns professores voluntários, que ministravam oficinas sobre os conteúdos cobrados. Então, em 2016 e 2017, esta mesma estrutura se ampliou: além da plataforma e das oficinas, foram feitas ações de divulgação do projeto que, simultaneamente, tinham o intuito de promover, em parceria com as escolas de ensino médio do bairro, uma discussão sobre o ensino superior como um horizonte possível, dentro da trajetória de vida dos jovens de Heliópolis. Naqueles anos, o **Helipa na Universidade** também contou com o financiamento da SAP, que viabilizou a contratação de um coordenador e um estagiário, além da parceria com educadores voluntários.

Em 2018 e 2019, em virtude do fim do financiamento, a gestão do CEU articulou-se com o movimento Levante Popular da Juventude, que passou a realizar nas dependências do CEU Heliópolis o **Cursinho Preparatório para o ENEM Podemos+**. Desde seu início, os projetos de apoio aos estudantes que desejam ingressar na universidade já contemplaram mais de 200 jovens e adultos.

5.1.3 Encontro das Juventudes

Em virtude da participação ativa dos jovens no planejamento, organização, realização e avaliação dos III, IV e V Seminários da Heliópolis, Bairro Educador e por uma reivindicação feita pelos próprios jovens, em 2015 pautamos no Calendário Temático Integrado o I Encontro da Juventude.

Nesse mesmo ano, foi retomado pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo, mais especificamente pela Coordenadoria de Políticas para a Juventude, o Conselho Municipal da Juventude, cuja eleição foi realizada em agosto. Alguns dos jovens já engajados nas lutas políticas da região se lançaram candidatos a duas cadeiras do Conselho: educação e cultura. Por esse motivo, como forma de começar uma discussão mais aprofundada sobre políticas públicas e participação nos processos de decisão da cidade, o I Encontro da Juventude foi realizado no dia da eleição do Conselho (um dos polos de votação foi o CEU Heliópolis), momento de culminância das discussões que precederam as eleições e que discutiram justamente sobre a questão da participação política dos jovens. No dia do Encontro, além da eleição, também fizemos rodas de conversa e debates públicos, rinhas de MC e contamos com apresentações de teatro e Hip Hop.

Em 2016 realizamos o II Encontro da Juventude, planejado e organizado em conjunto com vários grupos da juventude organizada de Heliópolis. A programação do Encontro contou com mesas de debates, oficinas e apresentações culturais.

A partir de 2017 o III Encontro da Juventude integrou a Semana de Direitos Humanos, atividade prevista no Calendário Temático Integrado. O processo de planejamento e desenvolvimento da ação seguiu como anteriormente, com a participação ativa dos jovens.

Em 2018 o IV Encontro da Juventude continuou dentro da programação da Semana de Direitos Humanos. Foi planejado, executado e avaliado através da parceria entre a gestão do CEU Heliópolis, alguns meninos que faziam parte da organização do Sarau do Polo e da Batalha do Sol e o Fala Jovem (movimento de juventude da UNAS). O grupo avaliou que era necessário articular uma metodologia que estimulasse os jovens a debaterem entre si e, assim, aprofundarem suas reflexões sobre temas considerados relevantes para esse grupo social.

Por isso, fizemos o encontro da seguinte maneira: separamos os participantes em quatro grupos que se revezaram no debate de quatro temas, em quatro rodadas (de mais ou menos 30 minutos). A cada rodada, o grupo mudava de sala e,

consequentemente, de tema. Além disso, cada rodada tinha uma pergunta norteadora que deveria ser discutida a partir do tema. Nas salas temáticas ficou fixo um mediador - responsável por coordenar o debate; e um MC - que improvisava uma síntese em forma de RAP, sobre a discussão anterior, para o grupo que chegava. Os temas foram: Sala 1 – Educação; Sala 2 - Direitos Humanos; Sala 3 - Cultura; Sala 4 - Participação da Juventude. As questões norteadoras do debate: Rodada 1 - O que tem de bom e ruim na comunidade (Fortalezas e Fragilidades); Rodada 2 - Por que as coisas ruins acontecem? (Causas e Consequências); Rodada 3 - Quais as propostas para melhorar? (Encaminhamentos); Rodada 4 - Organização de uma apresentação para a plenária.

Infelizmente, não conseguimos registrar todas as sínteses, mas foram muitas as poesias que saíram. Uma poesia não se perdeu, foi a que resultou da sala “participação da juventude”:

*“cadê você
cadê você
jovem tem que aparecer
será que tá bom procê*

*será que tá tranquilo a kbra
do jeito que nós leva
a nossa luta
temos que reivindicar
todos pra somar
os espaços ocupar
debatendo os problemas
e juntos solucionar*

*o coletivo é forte
sozinho é muita sorte
com muita garra
muita luz
disposição de monte”*

Victor Guilherme Nadja - O 5º ELEMENTO

5.1.4 Vozes de Reexistência Juvenis: Presente!

Quando o então prefeito João Dória assumiu a prefeitura de São Paulo, fez um “congelamento” das verbas voltadas para as políticas culturais, o que mobilizou a categoria. Nessa mesma época, os jovens também estavam mobilizados em torno do “Sarau do Polo”.

A gestão do CEU promoveu, então, uma roda de conversa sobre o congelamento das verbas, com a participação de artistas locais e da cidade que estavam engajados no movimento que tentava barrar este corte. Convidei os meninos do Sarau para participar da conversa, apesar de achar que eles ainda não estavam maduras para fazer tal discussão. E os meninos vieram. Um deles, em determinado momento, saiu da roda e foi embora, eu achei que ele não estava gostando da conversa. No dia seguinte, para minha total surpresa, quando eu perguntei ao jovem porque ele tinha saído, ele me contou que achou tão interessante o debate que precisou sair para escrever um *rap*.

E minha cara foi ao chão quando ele cantou uma música que sintetizava de forma brilhante o debate! Infelizmente, nem eu nem ele registramos essa letra e ela se perdeu... Ficou só um pedacinho e um depoimento:

*“mutilação em massa
e muita coisa para liberar
limitando o sistema
por que ele não quer gastar”*

“Me lembro como se fosse ontem... A gente na roda conversando... Os meninos lá... Eu saindo para escrever, todo... Emocionado, te mostrando (RISOS). Mas eu não lembro de verdade do resto. O que eu lembrava, te mostrei.” [Bruno Silva]

Eu também me lembro do quanto fiquei impressionada com o quê o Bruno me ensinou esse dia sobre a potência do *rap*. Ao contrário do que pressupus, ele não só entendeu o debate, como realizou uma síntese crítica e, ainda por cima, de forma poética!

Como uma forma de buscar mais aprendizagens sobre juventudes e fortemente influenciada por essa experiência e pelo Encontro da Juventude

realizado em 2018, no começo de 2019, fiz uma formação oferecida pelo Itaú Social, intitulada “Juventudes em curso: Trajetos e Afetos”. Esta formação se dividiu em duas partes. Na primeira, em fevereiro de 2019, realizamos uma imersão na qual tivemos contato com uma série de perspectivas conceituais e práticas com diferentes professores e professoras, nas quais pudemos refletir (em um grupo de cerca de 30 educadores e educadoras) sobre experiências de juventudes na contemporaneidade. Ainda durante a imersão, os 30 participantes se dividiram por grupos de afinidade (geralmente temática) para a realização da segunda parte da formação: o desenvolvimento de uma proposta prática.

Foi assim que encontrei com a Ana Lúcia Silva Souza e a Luana Andrade. Essa reunião se deu a partir da nossa vontade de trabalhar a partir das vozes das juventudes (por vezes omitidas, negadas e até silenciadas), que teimam em buscar seus lugares de direito. E, de minha parte, fortemente influenciada pelas experiências que tive anteriormente com os meninos que produzem *rap*.

Foi na direção de extrair toda a potência concedida pela formação, que nos organizamos, para possibilitar a ampliação e socialização (entre si e para o mundo) dessas vozes a partir do que a Ana Lúcia Silva Souza chama de letramentos de *Reexistência*¹³, potente conceito que evidencia as formas através das quais os grupos, especialmente os negros, historicamente excluídos do processo de escolarização, encontram para disputar o poder pela significação e, assim, de reinventar suas formas de resistir e, então, de reexistir.

Outras duas instituições importantes que também entraram nesse projeto conosco foram a UNAS (União de Núcleos e Associações de moradores de Heliópolis e Região), principal associação de moradores de Heliópolis, e o CEU Heliópolis Prof.^a Arlete Persoli que são, respectivamente, proponente e apoiador do Vozes de Reexistência.

A partir do conceito de “letramento de reexistência”, traçamos então o objetivo essencial do projeto: incentivar grupos de jovens a conhecer suas memórias e trajetórias de letramentos, de modo a contribuir para a construção de identidades positivas e sentimento de pertencimento. Para tanto, propusemos a reunião de meninos e meninas de quatro territórios, nos quais cada uma de nós já desenvolvia

¹³ SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de Reexistência - poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo: Parábola Editora, 2011.

um trabalho anterior: Heliópolis (SP), Paraisópolis (SP) e Salvador, no bairro Sussuarana (BA).

Ao longo do projeto também buscamos coordenar o trabalho, tanto na produção, planejamento e realização das atividades, quanto na sua sistematização (que resultou em um *e-book*), com um grupo de 4 jovens multiplicadoras: Beatriz Besen (Heliópolis), Jéssica Teixeira (Sussuarana), Moniara Barbosa (Heliópolis), Nathália Gonçalves (Paraisópolis) e da jovem organizadora do *e-book*, Gonesa Gonçalves.

Os grupos de cada território se reuniram em um pré-encontro, que buscava prepará-los para uma imersão maior: um encontro de quatro dias que se deu em junho de 2019. Ao longo desses dias, cerca de 25 jovens participaram de uma série de oficinas – algumas delas ministradas pelas jovens multiplicadoras –, nas quais puderam entrar em contato com conceitos, práticas e teorias envolvendo os temas letramentos e memórias.

O resultado do projeto foi então um *e-book* que está dividido em duas partes: na primeira, discorreremos então sobre a imersão realizada em junho, e buscamos refletir sobre as metodologias e temáticas utilizadas, além de apresentar nosso escopo conceitual. Na segunda, o leitor encontrará os textos produzidos pelos jovens ao longo do projeto, que poderão também lhe dar uma ideia dos territórios que esses meninos e meninas percorreram.

O *e-book* “Vozes da Reexistência Juvenis: Presente!” nasceu do desejo de ajudar a formular uma contrarresposta ao senso comum, que defende que os jovens não são leitores e nem se interessam por escrever. Ele busca contribuir para o entendimento de que na verdade o problema está muito mais no fato de que a sociedade não reconhece, nem valoriza, as diversas práticas de letramento das nossas juventudes, e mostra que reunir e formar jovens de diferentes realidades contribuem para que eles sejam criadores de suas próprias histórias, sustentando identidades positivas em torno das práticas de letramento dos locais em que vivem, proporcionando espaços de construção de saberes significativos.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, o processo Junto e Misturado na forma em que está configurado no PPP do CEU Heliópolis, vem tentando instaurar e ampliar espaços e tempos de encontro e troca, direcionados para as diversas juventudes que frequentam o CEU, procurando abrir espaços de escuta, participação e construção de pertencimento, para a criação de projetos e atividades que mobilizem a juventude na luta e garantia pelos seus direitos.

O histórico apresentado acima revela que a aposta nos valores e práticas da educação integral e democrática para (re)pensar as ações e projetos voltados para os adolescentes e jovens que frequentam o CEU Heliópolis vêm provocando profundas transformações.

Por um lado, esse processo vem mudando a relação e a ocupação dos espaços do CEU por esse público. Tomando consciência de seu direito de usufruir de um espaço público, ao mesmo tempo em que compreendem sua capacidade de auxiliar no seu cuidado e construção, os adolescentes e jovens vêm protagonizando as práticas que conduzem esta ocupação desde o seu planejamento, até a avaliação, passando pela execução e pela elaboração dos acordos e regras de convivência não só entre eles, mas principalmente com outros frequentadores do CEU, de diferentes faixas etárias.

Esta intensa participação, por outro lado, vêm criando vínculos entre os coordenadores e coordenadoras responsáveis pela gestão do CEU e esses adolescentes e jovens. Isto vem contribuindo para mudar as concepções de juventude que balizam as práticas engendradas pelo CEU Heliópolis voltadas para este público que é vítima de grande parte das mazelas sociais, ao mesmo tempo em que sofre com o preconceito em relação às suas culturas e formas de existência. Um grande exemplo disso vem sendo a aprendizagem que a gestão acumulou sobre a importância do *hip hop* para as juventudes e a procura cada vez maior dos próprios jovens com ideias de projetos e ações para serem executados no CEU.

O trabalho com as juventudes no CEU Heliópolis, tem revelado a importância dos vínculos e da aposta nas pessoas desta idade, como agentes transformadores e protagonistas, capazes de inovar e produzir novos conhecimentos e metodologias para a transformação de Heliópolis em um Bairro Educador.

No entanto, mesmo com todas essas transformações e aprendizados, há ainda muitos desafios e perguntas, e a história mostra que só a convivência e as práticas desenvolvidas em conjunto entre gestão e juventudes são capazes de criar soluções e responder perguntas. Nesse sentido, a questão inicial deste trabalho: quais as formas possíveis de MEDIAÇÃO com as juventudes, considerando as tensões da relação entre a gestão de um **espaço público** e as **culturas juvenis**, das quais a gestão não faz parte nas com as quais quer - e precisa - **dialogar**? Permanecerá enquanto houver jovens e adultos inquietos com o mundo dado e ávidos por provar que quem pensa que as juventudes são o problema e não a solução está errado.

7 - REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. *Condição juvenil no Brasil Contemporâneo*. In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da Juventude Brasileira - Análises de uma pesquisa nacional**. Perseu Abramo/ Instituto Cidadania, São Paulo: 2005. (Pgs. 37-72)

_____. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*. Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 N ° 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 N ° 6. (Pgs. 25-36)

BRASIL, LEI Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 06/08/2013. P.1

FREIRE, Paulo; Freire, Ana Maria de Araújo (org.). *Educação e Política*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

PERSOLI, Arlete; SANTIS, Marília de (org.). *Memórias de Heliópolis – Raízes e Contemporaneidades*. São Paulo: Kuzuá, 2012.

SÃO PAULO (Município). Decreto nº 50.740, de 16 de julho de 2009. Dispõe sobre criação do Centro de Convivência Educativa e Cultural de Heliópolis. Legislação do Município de São Paulo, São Paulo, 16 de julho de 2009.

_____. Decreto nº 56.079, de 29 de abril de 2015. Dispõe sobre a transformação do Centro de Convivência Educativa e Cultural de Heliópolis, criado pelo Decreto nº 50.740, de 16 de julho de 2009, em centro educacional unificado, com a denominação de Centro Educacional Unificado Heliópolis – Professora Arlete Persoli. Legislação do Município de São Paulo, São Paulo, 29 de abril de 2015.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de Reexistência - poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo: Parábola Editora, 2011.

SOUZA, Ana Lúcia; SALA, Laila; ANDRADE, Luana, et al. *Vozes de Reexistência juvenis: presente!*. Salvador: Editora Segundo Selo, 2019.

Sites:

Agência de Notícias A Pública. Disponível em:

<https://apublica.org/2019/12/heliopolis-quer-ser-tratada-como-bairro-nao-somos-que-to-diz-lider-comunitaria/?fbclid=IwAR3bj4xIR-dUXMcc8EzV2bNTiuwO0e8-t54YA5ScjEZpAe0l6gpgYUfhFk#Link1>. Acesso em: 16 fev. 2020

Portal de Notícias G1. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/12/05/heliopolis-cria-observatorio-da-quebrada-apos-relatos-de-violencia-policial.ghtml>. Acesso em: 16 fev. 2020

União de Núcleos e Associações de Moradores de Heliópolis e região. Disponível em:

<https://www.unas.org.br/memorias>. Acesso em: 16 jul. 2019.

Wikipedia Brasil. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Coorte_\(estat%C3%ADstica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Coorte_(estat%C3%ADstica)). Acesso em: 18 jul. 2019.